

BELEZA NEGRA EM FOCO: A FORÇA DE UM POVO RETRATADA EM IMAGENS.	A CIDADE QUE QUEREMOS: MOSTRA CUTUCAR CELEBRA O OLHAR DAS CRIANÇAS SOBRE PARACATU.	ONDE NASCEM OS PRIMEIROS LIVROS: CRIANÇAS DE PARACATU ENCANTAM COM CORES, LETRAS E IMAGINAÇÃO.
Página 2	Página 7	Página 10

Da capital do país ao interior mineiro, a leitura de Drummond permanece atual: entre crise, silêncio e concreto, ainda existe espaço para o imprevisto, uma flor que insiste.

A flor e a náusea

Carlos Drummond de Andrade - Livro - A Rosa do Povo - (1945)

Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjoo?
Posso, sem armas, revoltar-me?
Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.
O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se no mesmo impasse.
Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.
Vomitare esse tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para casa.
Estão menos livres mas levam jornais
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.
Crimes da terra, como perdoá-los?
Tomei parte em muitos, outros escondi.
Alguns achei belos, foram publicados.
Crimes suaves, que ajudam a viver.
Ração diária de erro, distribuída em casa.
Os ferozes padeiros do mal.
Os ferozes leiteiros do mal.
Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima.
Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralise os negócios,
garanto que uma flor nasceu.
Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.
Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.



A Crônica da Inação: O preço humano da indiferença

Entre o colapso ambiental e a crise social, o Brasil enfrenta as consequências de ignorar a interdependência entre humanidade e natureza

As tragédias recentes no Paraná e as contínuas fatalidades no Rio de Janeiro expõem, com brutal clareza, o que há de mais doloroso em nossa era: o custo da inação. São histórias distintas, uma forjada pela força dos ventos, outra pela violência urbana, mas ambas revelam a mesma marca: a falha humana em agir antes que o irreparável aconteça.

No Sul, o ciclone extratropical e a sequência de tornados devastaram cidades inteiras. Rio Bonito do Iguaçu viu cerca de 90% de seus imóveis destruídos, e famílias perderam tudo em questão de minutos. Não se trata de um evento isolado, nem de um castigo da natureza. Meteorologistas e cientistas vêm alertando há anos: os fenômenos extremos estão se intensificando, impulsionados pelas mudanças climáticas que o próprio homem acelera. A chamada “era dos extremos” já chegou, mas o que ainda não chegou é a consciência coletiva de que não agir também é uma forma de destruir.

Enquanto isso, no Rio de Janeiro, a rotina da morte persiste sob outro tipo de tempestade, a da violência. Operações policiais, confrontos armados, perdas de civis e de agentes de segurança: o ciclo se repete. E, embora a causa imediata seja o crime, a raiz é mais profunda, é social, é política, é histórica. É o abandono de políticas públicas, de oportunidades reais, de um projeto de país que olhe para as suas periferias não como zonas de risco, mas como territórios de vida.

O que une o Paraná e o Rio é o mesmo fio invisível: a omissão.

A omissão diante da crise climática.

A omissão na ocupação desordenada das cidades.

A omissão em garantir segurança e dignidade.

São omissões que custam caro, e esse custo se mede em vidas.

Porque não basta culpar o vento, a chuva ou o bandido.

Quando não há planejamento urbano, as casas são arrastadas pela lama.

Quando não há política ambiental séria, o clima responde com fúria.

Quando não há justiça social, a violência toma o lugar do Estado.

Essas tragédias não são inevitáveis. São previsíveis e, portanto, evitáveis. São o espelho de um sistema que prefere reagir ao invés de prevenir, lamentar ao invés de planejar.

Neste ponto, vale lembrar o pensamento do filósofo francês Bruno Latour e sua reflexão sobre a “Nova Condição Terrestre”. Latour desafiou a separação moderna entre “natureza” e “sociedade”, propondo uma visão em que tudo, humanos, rios, montanhas, cidades, florestas, está interligado em uma



mesma rede viva. Não há “meio ambiente” como algo externo a nós; nós somos o ambiente. A crise climática e social é, portanto, o reflexo de uma desconexão profunda entre o humano e o planeta que o abriga.

Essa perspectiva dialoga com a sabedoria ancestral do pensador indígena brasileiro Ailton Krenak, que desafia a visão ocidental antropocêntrica e nos convida a “adiar o fim do mundo”. Para Krenak, adiar o fim não é uma metáfora poética, é um chamado urgente à reconstrução de nossa relação com a Terra. É reconhecer que coexistir é mais do que sobreviver: é restabelecer vínculos, respeitar os ciclos naturais, ouvir o rio, o vento e o silêncio das montanhas. Sua mensagem é clara: enquanto o mundo se fecha em crises, ainda há caminhos para reabrir o diálogo entre o humano e o planeta.

Latour e Krenak, cada um a seu modo, apontam para o mesmo horizonte: a necessidade de repensar o que significa viver neste tempo de urgências. E talvez seja esse o maior desafio da contemporaneidade, compreender que as tragédias não estão “fora” de nós, mas nas escolhas que fazemos, nas políticas que adiamos, nas realidades que fingimos não ver.

A natureza e a sociedade gritam. Cabe a nós decidir se continuaremos surdos.

Transformar a inação em ação é o desafio de um tempo que já não espera. O futuro está sendo moldado, com nossas escolhas, com nossos silêncios, com nossa coragem ou com nossa ausência dela.

O Brasil não pode mais ser a crônica da inação. Que as lágrimas derramadas em meio à lama e à pólvora se tornem, enfim, o início de um despertar.

A Editora

Beleza Negra em Foco: a força de um povo retratada em imagens

Exposição fotográfica exalta a estética, a resistência e a representatividade da população negra em Paracatu

A sede da Casa Paracatu acolheu, na noite de 10 de novembro, a abertura da Primeira Exposição Fotográfica da Beleza Negra, uma iniciativa do Conselho Municipal da Igualdade Racial (COMPIR). O evento marcou o início das celebrações do Mês da Consciência Negra, comemorado em 20 de novembro, período em que todo o país reflete sobre a importância da igualdade racial e o legado de resistência do povo negro brasileiro.

A mostra reúne imagens que exaltam a beleza, a diversidade e a força da identidade negra, destacando traços, olhares e expressões que contam histórias de ancestralidade, orgulho e pertencimento. Cada fotografia transforma-se em um manifesto visual contra os padrões estéticos excludentes e em uma afirmação da pluralidade que compõe a nossa Paracatu.

Mais do que um evento artístico, a exposição representa um ato político e cultural de valorização e reconhecimento. Em tempos em que as desigualdades raciais ainda persistem, dar visibilidade à estética e à presença negra é reafirmar que a beleza também é forma de resistência.

Além de promover a autoestima, a exposição abre espaço para o diálogo e a reflexão sobre representatividade, inclusão e justiça social. Como ressaltam os organizadores, “celebrar a beleza negra é também celebrar a história, a cultura e a luta de um



povo que constrói o país todos os dias”.

Inaugurar essa exposição no Mês da Consciência Negra é um gesto simbólico e necessário, uma forma de unir arte, memória e compromisso social na construção de uma sociedade mais justa, plural e igualitária.

Em cada retrato, há mais do que rostos, há histórias que desafiam o silêncio e olhares que iluminam caminhos. A “Beleza Negra” não se limita à estética: ela é expressão de identidade, resistência e esperança. Que cada imagem exposta inspire novos olhares sobre o outro e sobre nós mesmos, lembrando que a verdadeira beleza nasce do reconhecimento e do respeito à diversidade.

O evento contou com a presença do vice-prefeito Pedro Adjuto, do presidente do COMPIR, Mestre Cacau, dos curadores da exposição, Rose Bispo e Carlinhos Rosseau, da secretária municipal da Mulher, Igualdade Racial e Juventude, Maria José Brandão, e do fotógrafo Lucas Alves.



**QUALIDADE, CONFIANÇA
E BOM ATENDIMENTO**

ELETRO NEIVA

**O que há de melhor
em materiais elétricos
e iluminação!**

**Não feche nenhum
orçamento antes
de passar aqui!
#cobrimos ofertas**

3671.1435 - 9 9845.6096

Rua Josino Valadares, 131 - Centro - Paracatu

EXPEDIENTE

Editora: Uldicéia Rigueti
Contato: Fone: (38) 99915-4652
E-mail: uldiceiaoliveira@hotmail.com
Jornalista Responsável:
Uldicéia Oliveira Rigueti
Registro Profissional: 0021336/MG

Conselho Editorial:
Uldiele Oliveira Rigueti
Clara Oliveira Rigueti
Impressão:
Gráfica & Editora Vale Flamboyant Ltda
Rua Marechal Mascarenhas de Moraes, 485

Parque Residencial Lagoinha
CEP- 14095120 - Ribeirão Preto/ SP
CNPJ 21.238.607/0001-84
Diagramação:
Alexandre Sasdelli
xandesasdelli@gmail.com

Os textos devidamente assinados são de responsabilidade de seus autores e não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

Ligue e Denuncie
A pintura é de autoria de Santana Rubinger
(Zé Batata)

Entre grades, cuidado e dignidade: Paracatu inaugura cela/leito hospitalar para custodiados

Estrutura no Hospital Municipal busca integrar segurança, saúde e humanização no atendimento a pessoas privadas de liberdade

Na manhã da segunda-feira, 18 de novembro, Paracatu deu um passo significativo rumo ao fortalecimento da segurança pública e ao respeito ao direito universal à saúde. Foi inaugurada, no Hospital Municipal, uma cela/leito adaptada especialmente para o acolhimento de pacientes sob custódia policial, uma estrutura que une proteção, humanidade e responsabilidade social.

O espaço, com capacidade para dois internos, foi cuidadosamente planejado e equipado para receber pessoas que, mesmo privadas de liberdade, permanecem amparadas pelo princípio da dignidade humana. A iniciativa nasce da parceria entre a CentralSEG, Ministério Público, Polícia Penal e Prefeitura Municipal de Paracatu, fortalecendo a integração entre instituições e reafirmando que políticas públicas efetivas não se constroem de forma isolada.

Durante a cerimônia, estiveram presentes o presidente da CentralSEG, Régis Couto; o promotor de Justiça, Dr. Joaquim, representando o Ministério Público; o diretor-geral do Presídio de Paracatu, Juranir Rodrigues; o diretor do Hospital Municipal, Adelson Caetano; o superintendente de Segurança Pública e Defesa Social, Wilian Batista; além de policiais penais e servidores da prefeitura. Todos que fizeram uso da palavra reforçaram que o novo ambiente não se limita a um aparato de segurança: é, acima de tudo, um gesto de cuidado, respeito e civilidade.

Em seu pronunciamento, o presidente da CentralSEG, Régis Couto, destacou que o projeto simboliza uma união possível entre rigidez e sensibilidade:

“Nosso Conselho tem como missão atuar como um elo entre as forças de segu-



rança, o poder público e a sociedade civil, buscando soluções que impactem positivamente a qualidade de vida da nossa comunidade. A criação deste espaço demonstra que é possível conciliar a segurança com o direito fundamental à saúde.”

Segundo ele, a cela/leito representa uma conquista coletiva que protege profissionais de saúde, demais pacientes e, sobretudo, o próprio custodiado, assegurando atendimento seguro e digno.

“É uma medida de responsabilidade e humanização que beneficia o sistema de saúde, a segurança pública e toda a população”, completou.

Ao finalizar, Couto definiu o momento como um marco de cooperação:

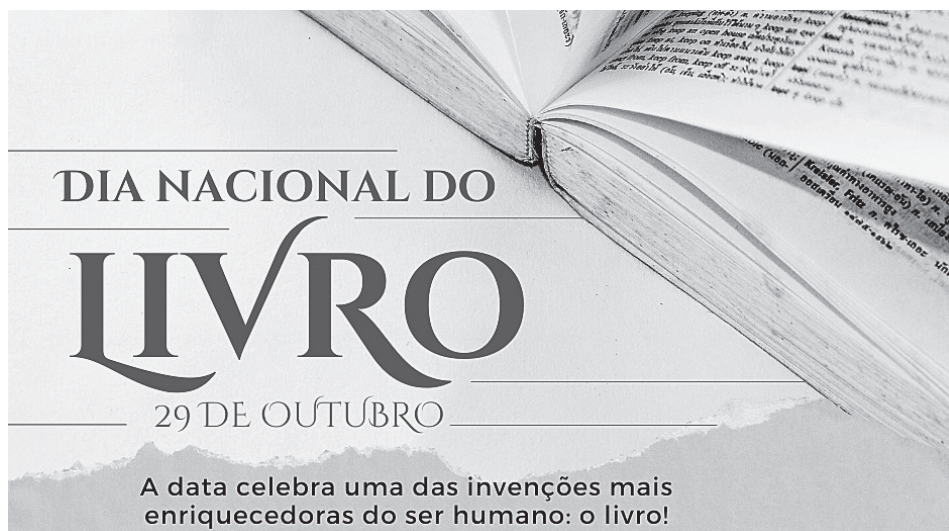
“Que este Quarto Cela seja um símbolo duradouro do que podemos alcançar quando trabalhamos juntos, em prol de uma sociedade mais justa, segura e cuidadosa.”

Entre decisões, protocolos e cadeados, permanece um ponto essencial: o cuidado não escolhe destinatário. Mesmo quando o caminho é cercado por muros e vigilância, a saúde ainda é direito, a vida ainda é sagrada, e a humanidade ainda precisa caber, inteira, entre portas de aço ou camas hospitalares.

Porque dignidade não é prêmio; é princípio. E quando o Estado estende o olhar para todos, até o concreto respira mais leve.

Entre páginas e pátrias: o Brasil que se escreve em cada leitura

No Dia Nacional do Livro, uma celebração da palavra como herança, liberdade e espelho da alma brasileira



Em tempos marcados pelo excesso de informações e pela velocidade das telas, o livro resiste como um território de silêncio e profundidade, onde o pensamento floresce e o leitor reencontra o mundo. Celebrado em 29 de outubro, o Dia Nacional do Livro convida à reflexão sobre o poder transformador da leitura e o papel do livro na formação da identidade cultural brasileira.

A data remonta a 1810, ano de fundação da Biblioteca Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro. O marco histórico está ligado à chegada da família real portuguesa, que trouxe ao país a Real Biblioteca de Portugal, com cerca de 60 mil volumes, manuscritos e mapas. Mais do que um tesouro literário, o gesto simbolizou o início de uma nova era para o conhecimento no Brasil colonial.

Hoje, a Biblioteca Nacional é uma das maiores da América Latina e guardiã de um acervo que preserva a trajetória da língua, da arte e da história nacionais. Como destaca a própria instituição, esse conjunto de obras reflete “a construção de uma memória coletiva e o fortalecimento da identidade cultural do país”.

O calendário literário brasileiro reserva ainda outras celebrações à leitura: em 18 de abril, o Dia Nacional do Livro Infantil homenageia Monteiro Lobato, criador do Sítio do Picapau Amarelo e de personagens que marcaram gerações; e, em 23 de abril, a Unesco celebra o Dia Mundial do Livro e do Direito de Autor, estendendo o tributo à literatura universal.

Essas datas reforçam a importância do livro como instrumento de liberdade, educação e preservação da memória. Ler é mais que adquirir conhecimento: é reconhecer-se como parte de uma história comum, tecida por palavras que atravessam o tempo.

Entre os títulos que ajudaram a moldar a sensibilidade brasileira estão Dom Casmurro, de Machado de Assis, com suas sutilezas sobre a dúvida e o caráter humano; Olhai os Lírios do Campo, de Érico Veríssimo, narrativa sobre escolhas e afetos; Feliz Ano Velho, de Marcelo Rubens Paiva, símbolo da juventude e da resistência; e Brasil: Nunca Mais, organizado por Dom Paulo Evaristo Arns, obra fundamental na luta pela memória e pela verdade durante o regime militar.

Cada leitura, à sua maneira, compõe o mosaico de um país que se escreve e se redescobre nas páginas dos livros. Celebrar o livro é celebrar a imaginação, a liberdade e o pensamento crítico — pilares de qualquer sociedade que busca compreender o próprio caminho.

Enquanto houver histórias a serem contadas, haverá leitores dispostos a sonhar. O livro, mais do que um objeto, permanece abrigo e espelho: lugar onde o Brasil se lê e se reinventa.

Academia de Letras do Noroeste de Minas

Uma homenagem aos imortais da Academia de Letras do Noroeste de Minas

Em 29 de outubro, Dia Nacional do Livro, prestamos uma homenagem a Academia de Letras do Noroeste de Minas, pela palavra escrita e àqueles que fazem dela um ofício de eternidade.

Fundada em 25 de julho de 1996, por iniciativa do então prefeito Manoel Borges e da diretora da Casa de Cultura, Cláudia Santana, a Academia nasceu de um encontro regional que reuniu escritores e intelectuais de Paracatu e cidades vizinhas. Na ocasião, diversos nomes ligados à literatura, à cultura, às artes e ao jornalismo foram agraciados com o título de sócios fundadores.

Fruto da generosidade da confreira Zenóbia Loureiro e de sua irmã Ana Loureiro, a sede da Academia é um monumento que honra o núcleo histórico de Paracatu, símbolo de permanência e identidade. Graças à dedicação de inúmeros companheiros, a instituição mantém sua estrutura essencial, com situação fiscal regularizada e títulos de utilidade pública que legitimam sua atuação.

Mais do que um espaço de letras, a Academia é um farol de memória e pertencimento, onde o livro continua sendo pátria, travessia e sonho.

Fontes:

Fundação Biblioteca Nacional – Histórico Institucional.

Câmara dos Deputados – Agência Câmara de Notícias (2024).

UNESCO – World Book and Copyright Day.



A escada da memória e do saber



Em Zenóbia Vilela Loureiro, a palavra se faz ponte entre o tempo e a lembrança. Educadora por vocação e poeta por essência, ela transformou em verso o amor pela cultura, pela terra e pela formação humana.

No poema “A escada”, a autora paracatuense revisita um símbolo de ascensão, não apenas física, mas espiritual e social.

Cada degrau do antigo Grupo Escolar Afonso Arinos guarda os passos de gerações que ali encontraram o caminho do conhecimento e do trabalho.

A escada, testemunha silenciosa da história de Paracatu, torna-se metáfora da própria vida: feita de esforço, sonhos e aprendizado.

Em suas linhas, Zenóbia eterniza o valor da educação como força transformadora, uma herança que continua ecoando na memória da cidade e nas flores do flamboyant que ainda se abre diante do tempo.

A escada

Zenóbia Vilela Loureiro

Edifício de linhas sóbrias, neoclássicas. Grandes colunas no pórtico.

Esta escada tem um imenso acervo de serviços.

Os pés que a palmilharam — pequeninos, adolescentes, venerandos, hesitantes, rápidos — foram, ao término, excelentes trabalhadores

na enxada, no arado,
no machado, no malho,
na agulha, na Educação,
no livro, na pena, no pincel.

Manejaram com maestria as cores, o barro, os empreendimentos, a História, os Autos, o cinzel.

Vieram dos mais variados rincões do município, das fazendas, dos ranchos, das casas senhoriais, dos casebres paupérrimos, das casas velhas caídas, carcomidas, dos becos tortuosos, das longas distâncias.

No educandário conheceram de perto as artes, as letras, as ciências, a Língua Pátria, a História, a Democracia, o civismo e a cidadania. E se compenetraram.

Todos acorriam ao Grupo Escolar Afonso Arinos, desde o limiar de 1908.

A escada foi espetacular.

Foi o caminho, a picada, o leme, a rota, o timão.

Ela foi a ressonância de todas as vivências. Foi-lhe reservada uma função no contexto do trabalho e na continuidade dos que se foram. ...”Nós passamos por ela, nos detivemos e a admiramos...”

Zenóbia Vilela Loureiro dedicou sua vida à cultura, à educação e à grandeza espiritual. Veio a falecer em Paracatu, aos 89 anos incompletos, em 12 de maio de 1999.

Flanando por BH

Por Jayme Wesley Lima

Teve gente que já sentiu necessidade de rodar Londres a pé, para comprar flores, ou para comprar um lápis. Em visita a Belo Horizonte senti necessidade de sair para comprar um aparelho descartável de barbear.

Coloquei um calçado adequado e desci o alto do Sion. Aproveitei a empolgação da descida, passei pela Praça da Liberdade olhando o CCBB, um espaço de cultura do qual sou cúmplice e que me dá muito orgulho. Atravessei parte da área central da cidade, com moradores de rua, malas e desamparados, no padrão do lado triste de nossas metrópoles. Caminhei até o Mercado Central. Ali circulei todos os corredores: queijos, farinhas, artesanato, queijos, carnes, figado com jiló, imãs para geladeiras, café, samburás, queijos, peneiras, carnes, farinhas, vassouras, queijos. Atraente e deslumbrante o ritmo, a variedade e o aspecto visual dos produtos; e a simpatia dos mineiros. No final de um corredor me detive curioso. Me chamou a atenção o ruído intermitente e fatigado de aves e outros pequenos bichos em gaiolas, disputando alimentos e água num ambiente com um odor forte de dejetos. Era o ponto de venda de pequenos animais vivos: canários, pintassilgos, pintinhos, coelho da índia, gatos, cachorros, galinhas, patos; aves exóticas de origem duvidosa, sem olfato ou sotaque mineiros. Pelo ânimo dos bichinhos fiquei pensando se eles não se incomodavam com aquele mau cheiro forte e desagradável. Será que eles se acostumam com aquele ambiente ou eles se perturbam? Como funciona o olfato de pequenos animais? Existe um olfato específico dos bichinhos mineiros? Saí logo dali, pelo odor e por certo constrangimento de vê-los presos, fora de seus habitats naturais, diferentes dos pequenos animais da chácara.

Saí e fui até o local do antigo campo do Atlético, onde me alojei no passado para treinar na base do clube em minhas peripécias juvenis de atleta. Campo? Tem um shopping no lugar... Segui.

Tomei a rua Curitiba para relembrar as caminhadas no fim de tarde daquela época em que ali comia pastel e tomava caldo de cana. E via a cidade. O perfil da rua não mudou muito. Mudou a intensidade e o movimento. E o número de compradores de ouro abordando os transeuntes. Novo ciclo do ouro? Os muambeiros de santo de pau-oco da época da mineração fariam a festa na rua atual.

Observei vários pontos quitandeiros oferecendo lanches: 4 pães de queijo e um café por cinco reais. A grande oferta baixou o preço ou foi a redução da quantidade de queijo na iguaria?

Comprei a lâmina descartável no cru-



zamento da Curitiba com a Afonso Pena. E vi de longe a rodoviária. Desci à Praça da Estação, revii o interessante Museu de Artes e Ofícios e relembrei do histórico encontro das Diretas que ali presenciei no passado. Retornei tomando a Rua da Bahia com a surpresa sempre agradável da vista da igreja de Lourdes, e já sentindo o sol quente do final da manhã.

Subia a Cristóvão Colombo já meio cansado e pensando no almoço, mas ainda me lembrando dos roedores presos na gaiola no mercado. Me assustei com gritos e levantar de pernas vindos da parada de ônibus que tinha acabado de ultrapassar. Olho e vejo um pequeno e saltitante rato, que acabara de sair do esgoto, atravessar a parada causando alvoroço. Um ratinho mineiro raiz, veloz e sagaz. Atravessou à parada e a calçada e entrou direto numa loja de biscoitos que tinha acabado de assar uma bandeja de pão de queijo. Não tive mais dúvidas sobre a percepção e acuidade olfativa dos pequenos animais mineiros.

No outro dia continuou a despresticiosa exploração afetiva e sentimental dos espaços urbanos da cidade. Sem precisar comprar nada. Ah, sol e chuva. Desci até a igreja de N.S. Boa Viagem. Vi seu belo espaço neogótico e um coral de amigos que se apresentavam no local. Segui para o Palácio das Artes onde acontecia a cerimônia de passagem do grande músico e poeta mineiro Lô Borges, que falecera na véspera — grão de areia a viver na espuma do mar. Bem em frente ao espaço da feira moderna dos domingos, centenas de amigos e fãs se enfileiravam na entrada do teatro. No saguão, meu pensamento tomando cor e forma. Da janela lateral, no ar livre, corpo livre, pequenos fragmentos de luz, dava para ver girassóis no gramado do Parque, um muro branco e um voo pássaro, na canção do vento não se cansa de voar, como um velho sinal. O mundo lá, sempre a rodar, vamos aprender, vamos lá. Segue a vida a rolar.

Me emocionei muito ao vivenciar aquele momento e aquele ambiente pleno de sensibilidade musical, afetos e valorização da cultura. Fui às lágrimas ao ouvir o coral entoar com energia e beleza as canções de Lô Borges e parceiros, estrada de fazer o sonho acontecer. Passei num trem azul, o sol na cabeça. Tudo que podia ser.

Quem sabe isso quer dizer amor... Pela música. Por Minas. Por BH.

Jayme Wesley Lima — nov. 2025

“Sou os Ecos da Minha Alma”

Por Waleska Martins



Ouçó o burburinho das falas acadêmicas, falas de escritores, poetas, romancistas. Falas letradas.

Respiro a cultura paracatuense.

Estou na Academia de Letras do Noroeste Mineiro, em Paracatu, Minas Gerais, na Rua do Ávila. Observo tudo minuciosamente: os móveis antigos, os quadros dos velhos acadêmicos que já fizeram sua passagem espiritual, mas que certamente estão soprando, nos ouvidos dos que ali se encontram, suas poesias líricas ao som de harpas divinas.

Me transporto para esse ambiente tão admirado e querido por mim, eu, que sem-

pre tive alma lírica, sonhos de poeta, alma de escritora, mas nunca pertencerei a esse lugar.

Tenho recordações, saudades daquele espaço que só adentrei como convidada, para a apresentação do meu grupo de inclusão social. Grupo de rua, grupo do povo, como sempre acreditei. Cantamos nas ruas, nas igrejas cristãs e evangélicas, nos centros espíritas, nas casas de doentes acamados.

O Katukando me realizava... libertava minha alma de poeta. Poetizei nas ruas, cantei nas ruas. Minha alma de poeta continua no meu corpo velho; a minha emoção prevalece à minha idade.

Visito, de vez em quando, furtivamente, a rua em que morei por muitos anos. Rua antiga de casarões, becos e ruelas, onde ficou plantada, há séculos, a Academia de Letras do Noroeste de Minas.

Sou poetisa da minha alma, das minhas recordações. Sou os ecos da minha alma.

Cultura é futuro: Paracatu consolida o 2º Seminário de Economia da Cultura como referência nacional

Evento reafirma o papel da cultura como motor de desenvolvimento e espaço de criação diante dos desafios do século XXI

Na noite de segunda-feira, 3 de novembro, Paracatu abriu as portas para o futuro. Sob o tema “Os Desafios do Século XXI”, teve início o 2º Seminário de Economia da Cultura de Paracatu, reunindo pesquisadores, gestores, artistas, produtores e especialistas na Loja Maçônica Nova Luz Paracatuense.

Em um tempo de tantas incertezas, marcado por mudanças climáticas, pela inteligência artificial e pelas transformações nas relações de trabalho, renda e território, a cultura se revela não como adorno, mas como estrutura da vida coletiva, capaz de unir criatividade, sustentabilidade e economia.

Durante a abertura, a curadora Christiane Santos ressaltou a potência transformadora da cultura diante das urgências do mundo contemporâneo:

“A cultura não apenas reflete o nosso jeito de ser e a nossa identidade. Ela pode ser o caminho para enfrentarmos estes novos desafios, com criatividade, sustentabilidade e conexões com a tecnologia, a economia, o turismo e o meio ambiente.”

A cidade respira essa transformação. Nos últimos dois anos, mais de R\$ 30 milhões foram investidos em projetos culturais, sociais e esportivos, movimentando a economia local, gerando empregos e fortalecendo o turismo.

“Acreditamos que a cultura possa ser este novo horizonte, uma saída para criarmos e reinventarmos o futuro, numa construção conjunta permeada pelo diálogo, pela criação e pela prática”, completou a historiadora Helen Ulhoa, também curadora do seminário.

A programação de abertura revelou a pluralidade da cultura paracatuense em suas múltiplas dimensões. Houve mutirão ambiental com plantio de mudas, degustação dos Sabores de Paracatu, demonstração de capoeira, expressão de ancestralidade e musicalidade, e a apresentação da Cooperfrutas, cooperativa local que exemplifica como o cooperativismo fortalece territórios e gera renda.

O primeiro dia de atividades trouxe também palestras e painéis que aprofundaram o debate sobre políticas culturais e desenvolvimento territorial.

Na Palestra 1, Isaura Botelho abordou “A Economia Criativa como Estratégia de Desenvolvimento – Políticas Públicas e a Economia Criativa no Brasil Contemporâneo”. Em seguida, o Pannel 1 – Os Caminhos da Cultura e o Desenvolvimento reuniu experiências que evidenciaram o papel da cultura como base da economia, da sustentabilidade e da cidadania.

Entre os relatos, Paulo Eduardo apresentou “O Som dos Tambores como Voz da Cidade: o Congado e a Potência Criativa de Uberlândia”; Adriano José de Paula refletiu sobre “O Mercado de Quitandas de Paracatu”; e Marcos Alves destacou “Como a Cultura Impulsiona o Empreendedorismo Local”.

Encerrando a noite, o biólogo e pesquisador Fábio Scarano trouxe a palestra “Cultura, Ciência e Meio Ambiente como Estratégias de Civilização”, propondo uma nova ética civilizatória em que ciência e cultura caminhem juntas como pilares de regeneração e sustentabilidade.

Regenerar o mundo, reencantar o futuro

Cultura, sustentabilidade e pertencimento marcaram o encerramento do 2º Seminário de Economia da Cultura de Paracatu, que propôs um mergulho poético e ético nas possibilidades de um futuro compartilhado.

No dia 5 de novembro, Paracatu viveu o encerramento de um encontro que uniu reflexão, arte e esperança. O 2º Seminário de Economia da Cultura finalizou sua progra-

mação sob o tema “Regeneração, sustentabilidade e reencantamento do mundo”, propondo um mergulho ético e poético na cultura como fonte de futuro e pertencimento.

Durante três dias, o seminário foi palco de vivências, trocas e descobertas. Oficinas de Okedama, conduzidas por Edneusa e Cláudia Nascimento, e a oficina de imãs abriram caminhos para o contato sensível com a natureza e o fazer manual. No Encontro Temático “Jogo da Colaboração”, Simone Catalan, fluxonomista, convidou o público a experimentar novas formas de construir junto. Já o segundo encontro, “Cuidado Ativo e Genuíno: a Preservação da Vida”, com Kátia Lourenço (Grupontapé de Teatro) e o SESMT da Kinross, reforçou a importância de uma ética do cuidado como base da sustentabilidade humana.

No começo da noite, os Sabores de Paracatu voltaram a celebrar a identidade local, uma degustação de produtos regionais, temperados com afeto e memória. Logo após, a Lyra Paracatuense apresentou uma demonstração técnica de leitura e regência, mantendo viva a tradição musical que ecoa pelas ruas históricas.

A programação seguiu com o painel “Potências do Território”, que destacou o papel da COPABASE e do cooperativismo como práticas de pertencimento e sustentabilidade econômica.

Entre as vozes que marcaram o evento esteve o historiador e escritor Jorge Caldeira, com a palestra magna “A Regeneração como Projeto para o Brasil”. Em sua fala, Caldeira propôs um olhar sobre a cultura como motor de transformação social e econômica — uma força capaz de regenerar o país a partir do reconhecimento de seu patrimônio e de sua criatividade.

Para ele, a economia da cultura é mais que um setor: é o alicerce de um futuro compartilhado, onde pertencimento e identidade se tornam políticas de esperança.

Outro momento inspirador foi o painel “Os Caminhos da Regeneração”, com Simone Catalan, Gêssica da Silva dos Santos, Victor Hugo Oliveira Dias e Regina Amorim. Cada fala revelou que regenerar é mais que restaurar — é reinventar a vida, religar os laços entre pessoas, território e natureza.

Encerrando o ciclo de reflexões, a futurista Lala Deheinzelin apresentou a palestra “Entre o Colapso e o Encantamento: o Futuro Está em Nossas Mãos”. Com sua abordagem da Fluxonomia 4D, mostrou que o futuro é tecido agora, nas escolhas cotidianas que fazemos. Entre as crises e as possibilidades, há sempre um espaço para o encantamento, aquele que nasce quando colaboramos e criamos novos modos de existir.

Assim, o 2º Seminário de Economia da Cultura de Paracatu encerrou-se em tom de celebração e compromisso. Cultura, sustentabilidade e regeneração deixaram de ser conceitos para se tornarem caminhos possíveis, onde o fazer artístico e o pensamento coletivo se unem para redesenhar o amanhã.

O evento foi uma realização da Guiastur, com patrocínio da Kinross e apoio institucional do Sebrae, Mais Turismo, IFTM, Academia de Letras do Noroeste de Minas e do Grupo Balaio do Cerrado.

Mais do que um evento, o seminário reafirma Paracatu como território de pertencimento e criação, onde a cultura é semente e fruto, raiz e horizonte.

Entre o colapso e o encantamento, a cidade segue em travessia, um espaço de encontro entre tradição e inovação, onde a cultura planta, regenera e sonha o futuro.



O Averso do Verso: quando a palavra se reconhece entre rimas

Thiago SKP transforma o Museu Histórico de Paracatu em um palco de poesia, identidade e pertencimento no Sempre Um Papo

Na noite de 12 de novembro, o Museu Histórico de Paracatu voltou a pulsar como casa da palavra viva. O projeto Sempre Um Papo, em mais uma edição especial, transformou o espaço em território da escuta, do improviso e da poesia com a presença do rapper, poeta e arte-educador Thiago SKP, que apresentou a aula-espetáculo “O Averso do Verso”, um mergulho poético em ritmo, reflexão e pertencimento.

Sob a luz amena do casarão histórico, versos se fizeram espelho. Thiago SKP, natural de Itabira, cidade também berço de Drummond, trouxe à tona a força das palavras que nascem da rua e se elevam ao nível da arte. Com a energia de quem faz da rima um manifesto, ele revelou que a poesia não é apenas forma, mas, sobretudo ferramenta de dignidade, de amor e de reconhecimento do próprio lugar no mundo.

“O Averso do Verso” é mais do que uma aula-espetáculo: é um exercício de tradução da vida. Entre rimas, improvisos e jogos de repetição, SKP reconstrói o sentido das palavras, desvendando o que há por trás do verso, o gesto humano, a experiência, o silêncio que antecede o som. Cada metáfora, cada batida, carrega o eco dos grandes mestres que o inspiram: Rubem Alves, com sua espiritualidade poética, e Carlos Drummond de Andrade, com o olhar atento às coisas simples e profundas da vida.

Thiago SKP cita e celebra esses nomes como faróis da sensibilidade brasileira, assim como reconhece o legado de Tião Rocha, educador e contador de histórias que transforma saberes populares em pontes de conhecimento e humanidade. Essa tríade, Alves, Drummond e Tião, se reflete no modo como SKP conduz sua arte: entre o pensamento e o afeto, entre o ritmo e o



silêncio, entre o verso e o avesso.

Após a apresentação, o microfone foi aberto para o Sarau e a Batalha da Criatividade, um espaço onde o público pôde também se reconhecer no poder da palavra. Jovens e adultos, estudantes e artistas, todos se encontraram ali, no exercício libertador de contar a própria história, de rimar o próprio nome com o lugar de onde vêm.

Em 2025, o Sempre Um Papo Paracatu reafirmou sua importância como projeto que promove o encontro entre literatura, oralidade e cidadania. Patrocinado pela Kinross, via Lei Rouanet do Ministério da Cultura, e com o apoio da Academia de Letras do Noroeste de Minas e da Prefeitura de Paracatu, o projeto trouxe à cidade nomes como Socorro Acioli, Itamar Vieira Junior, Tião Rocha, Alessandra Roscoe e Andressa Marques, cada qual ampliando as possibilidades do verbo, da escuta e da imaginação.

No eco das rimas de Thiago SKP, ficou a certeza de que a poesia continua sendo o lugar onde o Brasil se reconhece inteiro, entre o sonho, a rua e o coração.

Sob o céu estrelado, a comunidade de São Domingos celebra a força que permanece

A comunidade quilombola recebe, pela primeira vez, a homenagem que honra resistência e ancestralidade

Na noite do dia 13 de novembro, sob um céu calmo e estrelado, a comunidade quilombola de São Domingos recebeu pela primeira vez a solenidade da 6ª edição do Troféu Aureliano Lopes. Vozes, memórias e presenças se reuniram para celebrar uma homenagem que nasceu com a missão de reconhecer personalidades negras que transformam a igualdade racial em prática diária, mais que uma pauta, um caminho de vida. O COMPIR, a Prefeitura Municipal de Paracatu e a Secretaria Municipal da Mulher, da Igualdade Racial e da Juventude conduziram uma cerimônia em que ancestralidade, futuro e resistência dividiram o mesmo palco.

A mesa de honra foi composta pelo presidente do COMPIR, Darley Ferreira Gomes — Mestre Cacau; pela secretária municipal da Mulher, Igualdade Racial e Juventude, Maria José Magalhães; pela presidente da Comunidade Quilombola do São Domingos, Irene dos Reis; pelo vice-prefeito de Paracatu, Pedro Adjuto; e pelos filhos de Seu Aureliano Lopes, homenageado de honra desta edição.

Figura essencial da história quilombola do município, Seu Aureliano atravessou quase 110 anos como quem atravessa rios e tempos: com dignidade, com fé na comunidade e com um compromisso profundo com suas raízes. Lembrá-lo é recordar uma Paracatu que resiste, que se ergue pelas mãos dos mais velhos e que guarda, na memória coletiva, o brilho sereno de quem transformou presença em legado. Homenageado ainda em vida pelo troféu que leva seu nome, ele partiu em 2023, deixando à cidade a herança firme de sua luta e da sua inteireza.

Criado para valorizar personalidades negras que promovem a cultura afro-brasileira e



defendem os direitos da população negra em Paracatu, o Troféu Aureliano Lopes tornou-se, ao longo dos anos, um marco do calendário municipal. Mais do que uma premiação, é símbolo do compromisso com a diversidade, com o combate ao racismo e com a promoção da equidade. É também um chamado para que as novas gerações caminhem fortalecidas pelas histórias que as antecedem.

Nesta edição, receberam o troféu:

- Arnon Silva Oliveira
- Camila Dala Costa
- Camilo Leliis
- Edna Rodrigues Monteiro
- Guilherme Gonçalves Araújo
- Henrique Pereira dos Santos
- José de Assis Gouveia Damasceno
- Maria Raquel Moraes Fernandes
- Rogério Ferreira Gomes
- Tatiane Roquete Braga Pires

Cada nome carrega uma trajetória; cada trajetória, um gesto de permanência. Em comum, o compromisso de transformar Paracatu em um território mais justo, mais plural e fiel às suas raízes afrodescendentes.

E assim, sob o mesmo céu que testemunhou a longa vida de Seu Aureliano Lopes, São Domingos reafirmou que honrar o passado é também semear o futuro, e que cada homenageado desta noite é, à sua maneira, uma chama que mantém viva a luta por igualdade, memória e liberdade.

Entre cifras e torneiras: o futuro da Copasa divide Minas

Privatização avança com impasses e reacende debate sobre tarifas, investimentos e o papel do Estado

A proposta de privatização da Copasa voltou a travar na Assembleia Legislativa e reacendeu uma discussão que vai além das planilhas: quando a água entra no jogo do mercado, o que acontece com o direito de acesso a ela?

O Projeto de Lei 4.380/25, encaminhado pelo governo de Minas, permite a desestatização da companhia. Os recursos levantados seriam usados para amortizar a dívida estadual no âmbito do Programa de Pleno Pagamento das Dívidas dos Estados (Propag). A PEC 24/2023, já aprovada, retirou a obrigação de referendo popular e pavimentou o caminho jurídico para o processo.

Na Comissão de Constituição e Justiça, entretanto, a votação não avançou nesta quinta-feira (13/11). A oposição apresentou 56 emendas ao texto para prevenir aumentos abusivos nas tarifas, assegurar a continuidade dos investimentos previstos e proteger áreas ambientais vinculadas à empresa. A pressão mostra que o debate está longe de um consenso.

Representantes de movimentos sociais e trabalhadores alertam para riscos de desigualdade no atendimento, especialmente em municípios menores, onde o retorno econômico é baixo, mas a necessidade é alta. A Copasa atende 637 cidades e enfrenta, como o país inteiro, o desafio imposto pelo Marco Legal do Saneamen-



to: universalizar a água potável e ampliar a cobertura de esgoto até 2033.

Para o governo, a iniciativa privada poderia acelerar obras e atrair investimentos. Para críticos, o perigo está justamente na lógica de mercado, que tende a priorizar regiões rentáveis, deixando para trás quem depende do Estado para garantir o básico.

A disputa sobre o futuro da Copasa revela muito mais do que opções administrativas. Revela escolhas sobre a forma como Minas enxerga um bem essencial. Porque a água que corre silenciosa pelas torneiras é a mesma água que sustenta territórios, define desigualdades e revela, gota a gota, o compromisso de um Estado com seu povo.

Coral Stella Maris: quando a voz da comunidade se transforma em política cultural

Entre partituras, afeto e resistência, o Coral Stella Maris acaba de inscrever seu nome, trajetória e sonhos no Cadastro Nacional de Pontos e Pontões de Cultura, um reconhecimento concedido pelo Ministério da Cultura, por meio da Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural, que celebra 30 anos de dedicação à arte, à educação e ao bem cultural vivo que pulsa na comunidade.

A certificação como Ponto de Cultura, conforme os critérios da Política Nacional da Cultura Viva — Lei nº 13.018/2014 — não é apenas um selo institucional: é um coro de vozes que reflete história, identidade e pertencimento. É o reconhecimento público de que a cultura pode nascer de uma sala simples, de um sonho coletivo, de vozes que se encontram não apenas para cantar, mas para transformar.

Por três décadas, o Stella Maris tem formado, acolhido e inspirado pessoas, conectando música, memória e cidadania. Sua atuação ultrapassa o palco: educa, emociona, aproxima e fortalece laços. É cultura viva, aquela que floresce no cotidiano, que vibra no peito, que ensina pelos encontros e que se torna herança imaterial.

O cadastro, que integra o Mapa da Cultura, reconhece e mapeia grupos e entidades culturais que atuam de forma contínua em suas comunidades, fortalecendo o



desenvolvimento cultural de base e abrindo portas para editais, redes de articulação, trocas, aprendizados e novas possibilidades de fomento.

Reconhecer o Stella Maris como Ponto de Cultura significa afirmar que a música é uma ferramenta de cidadania, que o canto coletivo é também política pública e que vozes alinhadas podem mover muito mais do que melodias: podem mover futuros.

Hoje, o Coral Stella Maris não apenas canta, ele reverbera. Canta por quem veio, por quem está, por quem virá. Canta porque a cultura precisa ser vista, sentida e garantida.

E agora, com este reconhecimento, o Brasil escuta um pouco mais alto o que o Stella Maris sempre soube cantar: a cultura é viva, é nossa e merece ecoar.

Parabéns, Coral Stella Maris, 30 anos afinando sonhos e, agora, oficialmente, afinando políticas culturais.

O trenzinho da Conscienciarte

Foto: Carlos Lima/Ago. 2011/Acervo Arquivo Público de Paracatu



'Trenzinho' da Fundação Conscienciarte durante as comemorações do Dia Nacional do Patrimônio Histórico, em Paracatu

Por: Carlos Lima (*Arquivista)

Adata era 17 de agosto de 2011 (Dia Nacional do Patrimônio Histórico), em que nosso saudoso 'trenzinho' da Caravana Conscienciarte – um ônibus possivelmente do modelo CAIO Gabriela da década de 1970, considerado raro por especialistas do ramo – estacionava em frente à Escola Estadual Temístocles Rocha, na esquina com a Av. Olegário Maciel, em Paracatu, lotado de passageiros mirins.

No comando do histórico e divertido trenzinho, que mais lembrava uma jardineira devido as suas janelas sem vidros e pintura temática – características estas que também proporcionavam uma grande interação entre a criançada e os transeuntes – provavelmente estaria o motorista Antônio Vicente Lino, o "Pelezinho do Trenzinho", também conhecido por ser a principal liderança da tradicional escola de samba paracatuense, 'Unidos do Novo Horizonte'.



Figura indissociável do 'trenzinho': Pelezinho com a porta bandeira da Escola de Samba Unidos do Novo Horizonte, no carnaval de Paracatu, em 1997

Símbolo marcante da Caravana Conscienciarte, o histórico trenzinho teve sua fotografia animada, graças aos recursos da



Sede da Fundação Conscienciarte, em 1997, na Praça Cel. Fortunato Botelho

inteligência artificial (IA), e publicada no instagram, de forma a obter uma grande repercussão entre os internautas, com comentários do tipo: "carreta furacão da nossa época... kkk", disse um internauta. Outra marcava uma amiga na postagem e indagava-lhe: "Lembra quando comemoramos o seu aniversário passeando pela cidade no trenzinho!?" Em seguida, lembrou outra internauta: "Como era bom andar no trenzinho de Pelezinho indo pra AABB toda segunda, quarta e quinta-feira". E para concluir: "nossa memória desbloqueada", resumiu outra antiga fã da encantada e colorida jardineira.

Eternizado numa bela fotografia captada por este arquivista que vos escreve, o trenzinho fora vendido, há alguns anos, para um depósito de ferro velho em Paracatu, devido aos seus custos de manutenção, notadamente por ser um veículo muito antigo e apresentar defeitos recorrentes, informaram alguns funcionários da Fundação Conscienciarte a esta reportagem. Estima-se que haja pelo menos uma década que o "ônibus chefe" da Caravana Conscienciarte tenha deixado de fazer a alegria da criançada pelas ruas da cidade.

Capaz de suscitar fortes lembranças entre os internautas que, durante a sua infância, tiveram o privilégio e a felicidade de circular pelas ruas da cidade a bordo do saudoso trenzinho e na companhia de seu fiel condutor (o Pelezinho), o nostálgico transporte – se ainda estivesse em forma!? – mereceria, por certo, fazer parte de algum pomposo espaço de preservação da memória de Paracatu.

(*) Carlos Lima é graduado em Arquivologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), é Pós-Graduado em Oracle, Java e Gerência de Projeto e é pesquisador da história e da cultura de Paracatu e publica seus artigos no site paracatumemoria.wordpress.com e no Jornal O Lábaro.

REFERÊNCIA

Comentários da postagem 'O Trenzinho da Conscienciarte' no Perfil Paracatuense Raiz no Instagram. Disponível em: < <https://www.instagram.com/reels/DQpfWWukTh3/> >. Acesso em: 13 Nov. 2025

Paracatu, 227 anos: Entre tambores, cores e memória, a cidade renasce em festa

Desfile cívico celebra a história, a cultura e o orgulho de ser paracatuense



Paracatu amanheceu em festa no dia 20 de outubro. Sob o tema "Paracatu 227 anos, No coração da gente", a cidade se vestiu de cores, sons e emoções para celebrar sua própria história, feita de memórias antigas e passos firmes rumo ao futuro. Na avenida, o brilho do civismo encontrou o calor da tradição; o orgulho do passado se misturou à alegria viva do presente.

Desde as primeiras horas da manhã, um grande público tomou conta da Avenida Olegário Maciel, em clima de entusiasmo e integração. Famílias inteiras, crianças, jovens e idosos se reuniram para assistir à história de Paracatu ser contada em forma de desfile, uma narrativa viva de identidade, memória e amor à terra.

O evento contou com a presença do prefeito Igor Santos, do vice-prefeito Pedro Adjuto, de vereadores, entre eles o presidente da Câmara, Manoel Alves, de secretários municipais e de representantes de entidades, compondo um ato de união em torno da cidade e de seu legado.

Abrindo o desfile, as viaturas e corporações de segurança deram o tom de respeito e disciplina que marcou toda a cerimônia. A Polícia Militar de Minas Gerais conduziu a abertura com firmeza e espírito de missão, reafirmando seu compromisso com a ordem pública e a valorização da vida. Ao seu lado, o 2º Pelotão Militar do Meio Ambiente de Paracatu mostrou o trabalho essencial de proteção ao patrimônio natural e cultural, símbolo de um desenvolvimento sustentável e consciente.

Vieram, então, a Polícia Militar Rodoviária, a Polícia Civil de Minas Gerais, o 4º Pelotão do Corpo de Bombeiros de Paracatu, a Polícia Rodoviária Federal e a Polícia Penal, cada uma trazendo à avenida a face de um serviço público que protege, acolhe e inspira confiança.

Participaram ainda as Guardas Municipais de Cristalina e Novo Gama, a Defesa Civil Estadual e Municipal, o SAMU e os veículos da Secretaria Municipal de Saúde, que levam atendimento, prevenção e cuidado às comunidades. A presença dessas instituições reforçou o sentimento de segurança e solidariedade que pulsa na cidade.

O desfile também foi marcado pela presença dos motoclubos, Aventureiros do Asfalto, Bodes do Asfalto, Bielás de Ouro,

Gunslinger, Insanos e Irmanados, e dos clubes de automóveis antigos, que trouxeram à avenida o ronco nostálgico dos motores e o brilho da amizade sobre rodas.

Em seguida, as tropas e instituições militares deram continuidade à celebração da cidadania: o Tiro de Guerra 04-044, a Banda do Exército, os veteranos da AVAP e a Escola Cívico-Militar de Paracatu mostraram disciplina e amor à pátria.

A juventude também teve lugar de destaque com a Guarda Mirim, o Grupo Escoiteiro Paracatu, a Ordem DeMolay, as Filhas de Jó, os Escudeiros e as Abelhinhas, formando o elo entre tradição e futuro.

Entre os momentos mais emocionantes, os Mini Guardiões da Polícia Militar, Ryan e Emanuelly, encantaram o público ao representar o futuro da corporação, celebrando os 250 anos da PMMG com alegria, civismo e amor à farda, símbolo do respeito e da continuidade do compromisso com Minas e com Paracatu.

A arte e a cultura vieram com a Sociedade Corporação Musical Lira Paracatuense e os Brigadistas de Paracatu.

As escolas: um orgulho de Paracatu

Na sequência, mais de 65 escolas municipais, estaduais e particulares transformaram a avenida em um verdadeiro espetáculo de cor, música e imaginação. Cada grupo trouxe à rua o brilho da educação que forma, emociona e constrói cidadania.

Cada ala representou um fragmento da identidade paracatuense: da natureza exuberante de "Paracatu é meu jardim" às memórias do "Carnaval de outrora"; do orgulho do "Meu patrimônio histórico" ao sonho de uma "Cidade em transformação".

As fanfarras, da APAE, das escolas municipais e estaduais, das escolas particulares, do SESI, do IFTM e da Fundação Conscienciarte, deram ritmo e emoção à manhã, traduzindo em notas o sentimento coletivo de conexão. Entre alas, carros alegóricos e tripés, desfilou uma cidade inteira: viva, plural e esperançosa.

E, ao final, quando as últimas notas ecoaram na avenida, aplausos e sorrisos se misturaram à emoção de um povo que se reconhece em sua própria história. Porque Paracatu não está apenas no mapa, Paracatu está, e sempre estará no coração da gente.

COOPERVAP reforça união e cooperativismo em encontro marcado por alertas e esperança



O Comitê Educativo da COOPERVAP realizou, na segunda-feira (03/11), mais uma reunião voltada ao fortalecimento do cooperativismo e ao diálogo com os produtores. O encontro, iniciado com um momento de oração, abriu espaço para reflexões sobre o cenário crítico do setor leiteiro e para orientações essenciais sobre gestão, saúde e união.

O presidente Valdir Rodrigues apresentou um diagnóstico contundente do momento vivido pelos produtores de leite. Segundo ele, o setor enfrenta um dos períodos mais difíceis da história recente.

“O produtor de leite está sufocado. O excesso de importações jogou o nosso negócio no fundo do poço”, afirmou, ao destacar que a Coopervap tem buscado segurar preços e valorizar o cooperado, mesmo diante de um mercado adverso.

O vice-presidente Lionel Oliveira reforçou a necessidade de cautela, defendendo que este é um período que exige prudência na condução das atividades rurais.

“Não é hora de fazer grandes investimentos. É momento de segurar as pontas e esperar a maré virar”, orientou.

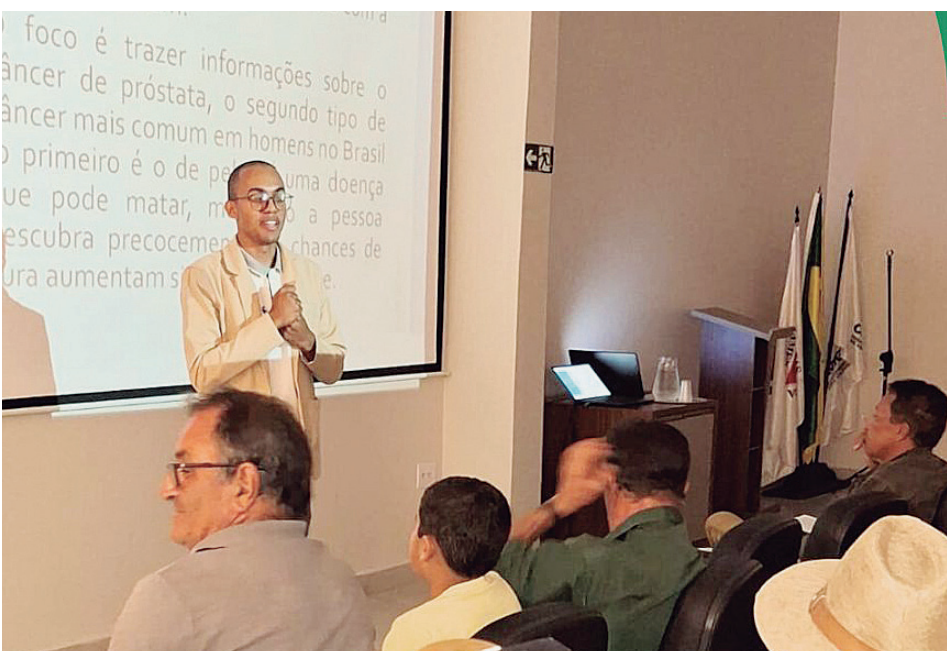
Além das discussões econômicas, o

encontro incluiu uma palestra do enfermeiro Vinícius Vieira, que abordou a importância da prevenção na saúde do homem, em referência ao Novembro Azul. O presidente Valdir retomou o tema para incentivar o cuidado pessoal:

“Prevenção é vida. Temos que cuidar da saúde para continuar lutando e vencendo os desafios do dia a dia.”

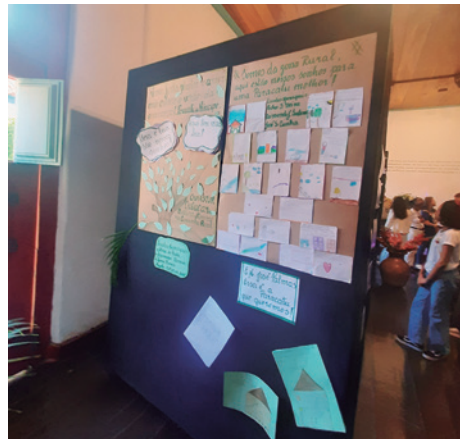
O conselheiro Marcos Rogério Miranda encerrou a reunião apresentando dados de mercado e informações sobre a captação de leite da cooperativa, reforçando o compromisso da COOPERVAP com a transparência e o apoio contínuo aos cooperados.

Em um momento em que o produtor rural enfrenta dificuldades históricas, a COOPERVAP destaca que a força do cooperativismo, construída pela união, pela solidariedade e pela organização coletiva, permanece como o principal alicerce para atravessar a crise e preparar o futuro. Com fé, trabalho e cooperação, a entidade reafirma que a saída passa pela força do grupo e pela confiança de que dias melhores virão para o campo e para quem vive dele.



A cidade que queremos: Mostra Cutucar celebra o olhar das crianças sobre Paracatu

Projeto une educação, cultura e turismo em uma experiência que desperta o pertencimento e o cuidado com o patrimônio



No dia 11 de novembro numa manhã ensolarada, a Fundação Casa de Cultura se transformou em um grande abraço à infância e à memória de Paracatu. Entre risos, cores e curiosidade, aconteceu a abertura da Mostra Cutucar: conhecer para proteger, etapa final da 8ª edição do Projeto Cutucar, Cultura e Turismo no Caminho Real: Educação Patrimonial e Inclusão Social.

Voltado aos estudantes do 5º ano da rede pública, das zonas urbana e rural, e aos alunos da APAE, o projeto é gratuito e acessível, e convida a um mergulho sensível na história local. Cada atividade do Cutucar ensina que conhecer é também cuidar; que o passado não é um lugar distante, mas o chão que sustentará a cidade que queremos construir.

Realizado pela Guiastur, por meio da Lei Rouanet, com patrocínio da Kinross Paracatu e apoio da Secretaria Municipal de Educação e da Superintendência Regional de Ensino, o projeto reafirma que a educação patrimonial é uma forma de cidadania, e que o olhar das crianças pode transformar a relação com o território.

A mesa de abertura foi composta pela tesoureira da Guiastur, Driele Tainara Silva Lima; o analista de Comunidade da Kinross, Diego de Paula; a representante da Fundação Casa de Cultura, Janine Souto Rocha; a representante da Superintendência Regional de Ensino, Elizabete Moura Machado; e o secretário municipal de Educação, Thiago de Deus, representando o prefeito Igor Santos.

Em seu discurso, Thiago de Deus destacou a importância de envolver as crianças na história viva de Paracatu: “Cada momento como este fica marcado para sempre na memória delas”, afirmou.

A coordenadora Denize Furtado de Moraes apresentou o funcionamento do projeto e ressaltou o papel dos educadores no despertar da curiosidade infantil. A tesoureira Driele Tainara falou sobre o impacto social do Cutucar, e a educadora Ruth Brochado, responsável pelo workshop A Cidade que Queremos, emocionou o públi-

co ao falar da potência criativa das crianças e declamar um poema de autoria do Didi:

“Elas olham a cidade com esperança. E é esse olhar que precisamos preservar.”

As falas de Janine Souto Rocha e Elizabete Moura Machado reforçaram a relevância do projeto para o fortalecimento da identidade cultural e para a valorização da educação pública como instrumento de transformação social.

O Cutucar, porém, vai além da sala de aula. Ele também movimenta a economia local: os serviços de transporte, hospedagem e alimentação são contratados no comércio de Paracatu, fortalecendo empresas e gerando renda. Assim, o projeto mostra que cultura e desenvolvimento caminham juntos, e que preservar também é investir no futuro.

“Educar para preservar é construir futuro”, resumiu uma das falas que ecoaram na Casa de Cultura.

O ponto alto do evento foi o desenlace da fita, momento simbólico e comovente que marcou a abertura oficial da Mostra. Nos corredores, os visitantes encontraram os trabalhos artísticos das crianças, desenhos, textos e sonhos, que retratam a cidade sob o olhar de quem ainda a descobre.



Participaram da cerimônia estudantes e representantes das seguintes escolas:

E.M. Tia Áurea
Supervisora Graciete (+88 alunos)
E.M. Bernardino
Diretora Sara
E.M. Olindina Loureiro
Vice-diretora Meiriane (+25 alunos)
E.M. Doutor Antônio Ribeiro
Supervisora Fernanda
E.M. Doutor Sérgio Ulhoa
Supervisora Neide (+26 alunos)
E.M. Joaquim Adjuto Botelho
Supervisora Karine
E.M. São Domingos – Izabel e Valdete
E.M. Minas Goiás – Pamela e Edmar

A mostra segue aberta à visitação na Fundação Casa de Cultura, convidando toda a comunidade a olhar Paracatu com olhos de descoberta. Porque a cidade que queremos nasce do que aprendemos hoje, nas mãos das crianças, no valor da memória e no gesto de quem conhece para proteger.



Fundação Logosófica em Prol da Superação Humana

Filial Paracatu celebra 29 anos de aprendizado, amizade e evolução interior



No último sábado, 8 de novembro, a sede da Fundação Logosófica em Prol da Superação Humana, Filial Paracatu, encheu-se de alegria, gratidão e sentido. No bairro Alto do Córrego, a casa de estudos, localizada na Rua Lindolfo Garcia, acolheu estudantes vindos de diversas cidades, Catalão, Unai, Brasília e Taguatinga em uma bela confraternização que reuniu mais de 60 participantes, entre crianças, adolescentes, jovens e adultos.

O encontro, preparado com esmero pelo setor feminino da sede, celebrou os 29 anos de atuação da Fundação em Paracatu, marcados pela dedicação ao aprimoramento humano e à construção de uma vida mais consciente e solidária.

Durante o evento, duas plenárias guiaram os estudos e reflexões. A primeira, intitulada “A conquista do tempo e seu melhor aproveitamento no individual e coletivo”, convidou à ponderação sobre o valor das horas e a arte de vivê-las com propósito. Já a segunda, “Como ser docente de si mesmo”, propôs o desafio de educar a própria mente e o próprio coração, um exercício que sintetiza o ideal logosófico de autossuperação.

O clima foi de amizade e afeto. As trocas entre os estudantes das diferentes filiais fortaleceram os vínculos que se formam ao longo dos anos em torno da Obra Logosófica, inspirada nos ensinamentos do educador e humanista argentino Carlos

Bernardo González Pecotche, criador da pedagogia logosófica.

Essa pedagogia, que propõe o conhecimento de si mesmo e o cultivo consciente do pensamento e do sentimento, tem inspirado ações educativas voltadas à infância e à juventude, semeando valores éticos e espirituais que refletem na convivência familiar e social.



Entre os momentos mais encantadores, destacou-se a atividade das crianças, que trouxeram como tema “A natureza como a primeira mestra do ser humano”. Inspiradas nas frutas do cerrado, símbolo da riqueza natural e cultural de Paracatu, exploraram suas formas, sabores e usos: dos doces e sucos às lembranças afetivas da culinária mineira.

Entre risos e descobertas, concluíram que “o cerrado é uma fonte de exemplos para suas vidas”, expressão simples e profunda que ecoa o princípio logosófico de aprender com a natureza, com a vida e consigo mesmo.

Assim, entre estudos, reflexões e partilhas, a celebração dos 29 anos da Fundação Logosófica em Paracatu reafirmou um ideal: de construir, passo a passo, uma humanidade mais consciente, fraterna e luminosa.



Uma noite de aplausos e emoção

Câmara de Paracatu homenageia José Maria das Neves e Ubaldo Mundim Lopes



Sessão solene reconhece trajetórias marcantes nas artes e no esporte, em clima de afeto e gratidão

A Câmara Municipal de Paracatu viveu no dia 23 de outubro, uma noite dedicada ao reconhecimento e à memória. Sob aplausos, foram entregues a Moção de Regozijo a José Maria das Neves (Zé do Badauê) e o Mérito Desportivo a Ubaldo Mundim Lopes, homenagens propostas pela vereadora Professora Eliete e aprovadas por unanimidade.

Presidida pelo vereador Manoel Alves, a sessão transformou o plenário em um espaço de emoção. Amigos, familiares e admiradores lotaram o local, celebrando vidas que ajudaram a moldar a identidade cultural e esportiva da cidade.



Zé do Badauê: o artista que floresce em cada gesto

Natural de Paracatu, Zé do Badauê é sinônimo de arte, cor e sensibilidade. Designer floral, cenógrafo e criador de ambientes, fez da estética uma forma de partilha. Formado em Artes Cênicas, atuou em montagens marcantes como Santo Inquerito e integrou a equipe da Casa de Cultura, deixando sua marca em eventos e memórias que ainda colorem a cidade. Durante a homenagem, vídeos e mensagens de amigos trouxeram lágrimas e sorrisos, reflexo de uma trajetória guiada pela beleza e pelo afeto.

Ubaldo Mundim: o esporte como missão

Ex-atleta profissional de voleibol,

Ubaldo Mundim Lopes construiu uma carreira marcada por títulos e pela formação de jovens atletas. Foi bicampeão dos Jogos Abertos de São Paulo, campeão mineiro e bicampeão do JIMI, além de técnico e gestor dedicado. Como educador, liderou equipes do Colégio Dom Elizeu e idealizou os Jogos da Faculdade Atenas (JIFA), sempre com o propósito de transformar o esporte em caminho de cidadania.

Na cerimônia, depoimentos emocionados de familiares e amigos destacaram sua disciplina, generosidade e amor por Paracatu.

Entre flores e medalhas, o reconhecimento de uma cidade



Ao final, o plenário se levantou em aplausos longos e sinceros. A entrega das placas simbolizou o agradecimento coletivo de Paracatu a quem transforma talento em legado. O historiador Lavoisier Albernaz encerrou a noite com o poema “Paracatu pede Passagem”, selando com versos a emoção compartilhada.

Entre flores e medalhas, a cidade reafirmou: o verdadeiro mérito está em quem faz da vida um ato contínuo de beleza, dedicação e amor pela terra onde nasceu.

FESTEPA 2025: quando o palco se fez patrimônio

Edição especial do Festival do Patrimônio Cultural de Paracatu transformou três dias de outubro em uma celebração intensa às artes cênicas, reunindo teatro, dança, música e cinema em um mesmo espetáculo coletivo



Durante três dias de outubro, Paracatu viveu o encantamento da arte em sua forma mais viva. De 17 a 19 de outubro, o FESTEPA 2025 – Edição Especial do Festival do Patrimônio Cultural levou à cidade uma programação vibrante, em que o teatro foi o protagonista de um encontro repleto de emoção, criatividade e partilha.

Mais do que um evento, o FESTEPA foi uma celebração da expressão humana. Os palcos, as praças e os olhares se tornaram extensão da cena, revelando

histórias que unem o passado e o presente, reafirmando o poder do teatro como espelho da cultura e da alma coletiva. Oficinas, espetáculos, dança, música e cinema entrelaçaram-se em uma narrativa comum: a de um povo que preserva sua identidade por meio da arte.

O Festival do Patrimônio Cultural de Paracatu, que há mais de uma década valoriza as tradições e a criatividade local, escolheu em 2025 dedicar-se ao universo cênico. Sob o nome “Edição Especial

FESTEPA”, a iniciativa reuniu artistas, estudantes, grupos teatrais e o público em uma experiência que ultrapassou fronteiras entre o lúdico e o simbólico.

Entre aplausos e silêncios, o festival reafirmou a força de Paracatu como guardião de um patrimônio vivo, aquele que habita o gesto, a palavra e o olhar de quem faz da arte o seu ofício e da cidade o seu palco.

E quando as luzes se apagaram, ficou a certeza de que o teatro não termina com o último ato: ele continua nos passos que

voltam para casa, no brilho que persiste nos olhos da plateia e no eco suave de um aplauso que ainda ressoa, lembrando que, por três dias, Paracatu inteira se fez cena.

O evento foi uma realização da ADESP, da Prefeitura Municipal de Paracatu através da Secretaria de Cultura, com patrocínio da Kinross, por meio da Lei Rouanet, Lei Aldir Blanc, Ministério da Cultura e Governo Federal. Contou ainda com o apoio do Sebrae, do IFTM e do Governo de Minas Gerais.

Quilombo São Domingos lança catálogo de experiências turísticas: quando a memória se torna destino e o território, caminho de aprendizado

Em uma manhã de celebração e ancestralidade, comunidade quilombola apresenta projeto coletivo que une tradição, turismo e desenvolvimento local



O Quilombo São Domingos, em Paracatu, amanheceu em festa em 23 de outubro. O ar era de emoção e conquista. No coração da comunidade, entre vozes, cantos e sorrisos, foi lançado o Catálogo de Experiências Turísticas do Quilombo São Domingos, um marco de reconhecimento, identidade e fortalecimento da cultura quilombola.

O material foi cocriado com 11 anfitriões locais, fruto de um trabalho coletivo realizado pelo Sebrae Minas e pela Prefeitura Municipal de Paracatu, com apoio da Associação Comunitária e do Circuito Turístico Noroeste das Geraes, e execução das empresas Macaúba Desenvolvimento Local e Raízes Desenvolvimento Sustentável.

Mais do que um catálogo, o lançamento representa um novo capítulo na história da comunidade, o momento em que o passado e o presente se unem para construir um futuro de autonomia, pertencimento e orgulho.

Uma abertura guiada por vozes e memórias



O evento teve início com as anfitriãs Valdete e Isabel Lopes, irmãs e guardiãs da Casa Museu Aureliano Lopes, espaço onde o tempo se abriga em objetos, retratos e histórias. É ali que a memória se faz viva, pulsando em cada canto e lembrança.

O público se emocionou com a apresentação da senhora Romilda, que entoou um hino composto por Valdete Lopes, uma canção de boas-vindas que ecoou como um abraço ancestral. Cada verso parecia dizer: “esta terra tem voz, e ela se reconhece em cada um que acredita no turismo de base comunitária como um caminho de desenvolvimento, autonomia e valorização cultural.”

A força da comunidade que caminha unida



A Associação Comunitária de São Domingos tem sido o alicerce dessa jornada, articulando e organizando cada passo da caminhada coletiva. Sua representante, Irene, lembrou que a força da comunidade está na união, e é dela que nasce a coragem

de transformar sonhos em projetos reais.

O Sebrae Minas, parceiro essencial nessa construção, vem oferecendo apoio técnico e consultorias voltadas ao empreendedorismo, ao fortalecimento do turismo de base comunitária, ao protagonismo feminino e ao afroturismo em Minas Gerais.

Durante o evento, Patrícia Rezende, analista do Sebrae, destacou a importância da parceria entre Sebrae e Prefeitura e agradeceu a todos os envolvidos que acreditaram na potência de São Domingos.



Parcerias que constroem caminhos

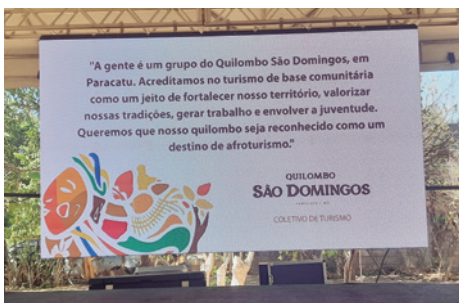


Representando o poder público, o vice-prefeito Pedro Adjuto reafirmou o compromisso da Prefeitura com o fortalecimento da comunidade e o desenvolvimento do turismo local.

A secretária da Mulher, Igualdade Racial e Juventude, Maria José Magalhães, ressaltou o papel histórico e cultural de São Domingos na formação de Paracatu, destacando a importância de valorizar quem ajudou a construir o município.

O secretário de Turismo, Igor Diniz, falou com esperança sobre o futuro do turismo comunitário e sustentável na região, enquanto o presidente da Câmara Municipal, vereador Manoel Alves, emocionado, recordou passagens de sua infância na comunidade, reconhecendo o valor humano e cultural daquele território.

O catálogo que nasce da experiência e da escuta



Desde 2023, o Sebrae tem atuado diretamente na estruturação do turismo de experiências junto à comunidade, promovendo oficinas, diagnósticos, visitas técnicas e testes de vivências.

O resultado desse trabalho colaborativo é o Catálogo de Experiências Turísticas do Quilombo São Domingos, apresentado por Priscila Martins, da equipe da Macaúba Desenvolvimento Local.

Ela destacou como o turismo de base comunitária e o afroturismo se entrelaçam às histórias, aos saberes e à hospitalidade do povo quilombola, que agora compartilha com

o mundo suas tradições e modos de vida.

Vozes que mantêm viva a tradição

Depois de tanta construção coletiva, chegou o momento mais esperado: ouvir quem faz a história acontecer todos os dias. Dona Cristina, mestra griô e guardiã da tradição da Caretagem, emocionou o público ao falar sobre a força das raízes e a importância de manter a cultura viva para as novas gerações. Kellen, jovem trancista e empreendedora do quilombo, representou a juventude que prospera a partir da ancestralidade, unindo arte, trabalho e identidade.

Na sequência, foi apresentada a nova marca do turismo de São Domingos, inspirada nas cores da terra, na força das tradições e na ancestralidade que habita cada canto do quilombo, uma identidade visual que traduz em imagem o orgulho e a resistência de um povo.

O turismo como ferramenta de resistência e futuro

O encerramento foi de celebração e esperança. Entre aplausos e sorrisos, ficou evidente que o turismo, ali, é mais do que visita: é vivência, é respeito, é troca.

São Domingos mostra ao mundo que turismo pode ser ferramenta de resistência, geração de renda e valorização cultural.

Porque quando uma comunidade conta sua própria história, ela não apenas preserva suas raízes, ela prospera.

E o som das vozes, o cheiro da comida, o brilho dos olhos e o calor da acolhida de São Domingos certamente ecoarão muito além das fronteiras de Paracatu.

Experiências no Quilombo São Domingos

Após o lançamento do Catálogo de Experiências Turísticas do Quilombo São Domingos, a tarde seguiu em clima de descoberta e encantamento. Representantes da imprensa de Belo Horizonte (O Tempo e Itatiaia), de Brasília (Correio Braziliense) e de Paracatu (O Lábaro) puderam vivenciar de perto um pouco da história, da força e da alma dessa comunidade ancestral.

O roteiro começou na Casa Museu Aureliano Lopes, guardiã de memórias e única casa de adobe remanescente no quilombo. Sob a acolhida das irmãs Valdete e Isabel Lopes, os visitantes ouviram histórias que atravessam gerações, sobre resistência, arte e sobrevivência, contadas com o brilho de quem carrega a herança viva da terra e da luta.

Em seguida, as mãos se tornaram instrumentos de aprendizado na oficina de fabricação do açafraão, conduzida por Isabel, que mostrou o processo artesanal e delicado da especiaria, enquanto o aroma do tempero ancestral se misturava ao vento suave da tarde.

A experiência continuou com um almoço quilombola, no espaço Planeta, onde os sabores da tradição se transformaram em poesia servida à mesa — um banquete de identidade e afeto.

Mais adiante, os visitantes foram recebidos por Dona Cristina Coutrim, mestra griô e guardiã da tradição da Caretagem. Entre máscaras coloridas, histórias e risadas, todos

foram convidados a colocar a mão na massa e confeccionar suas próprias máscaras, símbolos de fé, festa e resistência.

O dia terminou com o Café Quilombola, que trouxe o cheirinho inconfundível de pão de queijo e o sabor do Bolo Zumbi, preparado com a rapadura feita no próprio quilombo. E, quando a noite pousou sobre São Domingos, a apresentação da Caretagem encerrou o ciclo — uma celebração vibrante a São João Batista, com danças, cantos e o pulsar coletivo de um povo que transforma sua história em arte e seu território em caminho de esperança.

O quilombo

Localizado a apenas 4 km do centro histórico de Paracatu, o Quilombo São Domingos é um território de história, fé e resistência. Fundado há mais de dois séculos pelas famílias Ferreira, Lopes e Mendanha, foi reconhecido pela Fundação Palmares em 2004. Antigamente, o quilombo era tido como o “celeiro da cidade”, por abastecer Paracatu com frutas, verduras e doces.

A devoção a São Domingos, nascida de uma promessa antiga, ainda move a comunidade. No local, as mulheres são protagonistas: lideram ações, empreendem e mantêm viva a tradição, como na Fábrica de Biscoitos Ouro da Roça. Entre a dança da Caretagem, o açafraão e o sabor das quitandas, o visitante encontra o verdadeiro espírito de Minas — simples, forte e acolhedor.

Para a presidente da Associação Quilombola do São Domingos e coordenadora da Fábrica de Biscoitos, Irene dos Reis de Oliveira, a comunidade está preparada para receber os visitantes. “Será um prazer enorme acolher as pessoas que desejam conhecer a nossa comunidade e apresentar todas as ações e tradições que temos aqui”, frisa.

Como vivenciar

As Experiências Turísticas de São Domingos são fruto de um trabalho coletivo realizado pelo Sebrae Minas e Prefeitura Municipal de Paracatu, com apoio da Associação Comunitária e do Circuito Turístico Noroeste das Geraes e executado pela Macaúba Desenvolvimento Local e pela Raízes Desenvolvimento Sustentável.

Para contratar as experiências é preciso entrar em contato com guias e condutores locais qualificados. As visitas devem ser agendadas com antecedência. Todas as informações estão disponíveis no perfil do Quilombo São Domingos no Instagram: @quilombosaodomingos. A versão digital do catálogo pode ser acessada neste link.

SERVIÇO

Experiências Turísticas – Quilombo São Domingos Receptivo Local: Romário – (38) 99923-8300
Guiastur – Associação de Guias de Turismo do Noroeste de Minas – (38) 99973-3179
Instagram: @quilombosaodomingos
Versão digital do catálogo: <https://linktr.ee/quilombosaodomingos>



Tecnologia e futuro: um novo tempo desponta na Escola Maria Trindade

Laboratório de Informática inaugura era digital na comunidade de Lagoa de Santo Antônio



A Escola Municipal Professora Maria Trindade na manhã do dia 12 de novembro, amanheceu em festa. Entre sorrisos, olhares curiosos e o brilho do novo, foi inaugurado o Laboratório de Informática, um espaço que simboliza mais do que máquinas e cabos: representa a travessia de uma escola rural rumo ao futuro.

O novo laboratório conta com 20 computadores desktop de última geração, monitores de 19 polegadas e aplicativos profissionais configurados para o ensino. A rede, cuidadosamente planejada, traduz em cada conexão o desejo de estabilidade, desempenho e, sobretudo, de oportunidades.

O projeto nasceu da união de esforços entre a Prefeitura de Paracatu, por meio da Secretaria de Educação e Tecnologia, a Kinross, a Escola Multi Tech e o SESI. Parcerias que têm em comum o compromisso com o aprendizado e o desenvolvimento humano, pilares que sustentam a transformação silenciosa que acontece dentro das salas de aula.

A cerimônia de inauguração reuniu autoridades, professores, alunos e moradores da comunidade. O secretário de Educação e Tecnologia, Tiago de Deus, destacou que o momento simboliza o avanço de uma política educacional voltada à inovação:

“Estamos ampliando a estrutura tecnológica das nossas escolas, garantindo que os alunos tenham acesso a ferramentas modernas de aprendizagem. A educação de Paracatu está conectada com o futuro.”

O diretor da escola, Saulo Gomes,



lembrou que esta é a primeira escola rural do município a receber um laboratório de informática:

“É um marco histórico para a nossa comunidade. Cada aluno que tocar esse teclado estará abrindo uma janela para o mundo.”

Representando a Kinross, Amanda Ulhoa, coordenadora de RH, ressaltou o valor das parcerias:

“Celebramos uma união em prol da educação. Acreditamos no poder transformador do conhecimento e no impacto que iniciativas como esta geram na vida das pessoas.”

O prefeito Igor Santos rememorou o passado da escola e a trajetória de reconstrução:

“Quando assumimos em 2021, a estrutura da Maria Trindade estava em situação crítica. Hoje, temos uma escola modelo, reformada, com quadra revitalizada e o melhor IDEB entre as municipais. Este laboratório é mais um passo dessa transformação.”

Com voz firme e olhar voltado ao horizonte, o prefeito encerrou sua fala projetando o futuro:

“Investir em tecnologia é preparar nossos alunos para o amanhã. Paracatu caminha para ser uma das primeiras cidades de Minas a ter uma faculdade de Inteligência Artificial.”

Entre o tilintar das teclas e o brilho das telas, nascia ali mais do que um laboratório: nascia a promessa de um novo tempo, em que a educação, a tecnologia e a esperança seguem juntas, redesenhando o futuro de Paracatu, pixel por pixel, sonho por sonho.

Onde nascem os primeiros livros: crianças de Paracatu encantam com cores, letras e imaginação

Projeto Mini Autor do Pré-Escolar Paulo Kléber Ulhoa transforma a escrita infantil em celebração de aprendizado e afeto



A educação infantil de Paracatu viveu uma noite inesquecível no dia 12 de novembro. No auditório do Centro Administrativo, o colorido dos sonhos tomou forma na abertura do Projeto Mini Autor, realizado pelo Pré-Escolar Municipal Paulo Kléber Ulhoa. Durante dois dias, 12 e 13 de novembro,, famílias, professores e gestores se reuniram para a Noite de Autógrafos, um encontro marcado por sorrisos, encantamento e o brilho nos olhos de quem vê nascer um pequeno escritor.

Entre cores, letras e emoções

As estrelas da noite foram as crianças. Com mãos pequenas e corações cheios de imaginação, elas apresentaram às famílias seus livrinhos autorais, produzidos ao longo do segundo semestre. As páginas, repletas de desenhos, histórias e releituras criativas, revelavam não apenas o aprendizado, mas o mundo interior de cada aluno — onde o lápis se torna varinha e o papel, um universo inteiro.

A emoção tomou conta do público. Pais e mães se viram leitores das primeiras criações literárias de seus filhos; professores, por sua vez, testemunharam o resultado vivo de um trabalho feito com afeto, paciência e propósito.

O poder de aprender brincando

Durante a cerimônia, a diretora Cíntia Gonçalves destacou o empenho coletivo na realização do projeto:

“Não foi um projeto fácil, mas valeu a pena. Parabenizo toda a equipe envolvida e, principalmente, os alunos. O livrinho ficou uma gracinha! Que vocês o guardem como lembrança e, no futuro, se recordem com carinho dos desenhos e das releituras que fizeram.”

A coordenadora da Educação Infantil, Ilma Oliveira Braga, emocionou-se ao falar sobre a importância do momento para o município:

“Que noite especial, que dia importante! Hoje temos um novo tempo na educação de Paracatu, uma educação de qualidade. Este

projeto é reflexo do trabalho dedicado dessa equipe e da valorização de nossas crianças. É um dia de gratidão e celebração.”

Já o coordenador pedagógico José Ivan Lopes reforçou a dimensão pedagógica do projeto:

“O Mini Autor é uma forma criativa e inovadora de colocar nossas crianças em contato com as letras, com a escrita e a leitura. Ele desperta o interesse, traz motivação e resultados visíveis, como podemos ver hoje.”

Educação que semeia futuro

Encerrando a noite, o prefeito Igor Santos reafirmou o compromisso da administração municipal com a educação:

“Paracatu é uma cidade privilegiada por ter servidores dedicados. Parabenizo os pais por acreditarem na educação de seus filhos. Avançamos muito, valorizamos o professor, aumentamos salários, reformamos escolas e garantimos material e uniforme escolar de qualidade. Nosso objetivo é assegurar que cada criança tenha acesso à melhor educação possível.”

O Projeto Mini Autor é mais que um evento escolar: é uma celebração da infância e da potência criativa que mora em cada criança. Entre rabiscos e palavras inventadas, os pequenos autores descobriram algo essencial, que escrever é também sonhar com o futuro.

E, ao folhear cada livrinho, as famílias perceberam que a educação é isso: um ato de amor que se traduz em cor, curiosidade e esperança.

Educar é acreditar no amanhã

Na simplicidade dos traços e na pureza das histórias, o Mini Autor reafirma a importância da educação infantil como base de toda transformação social. É ali, no chão colorido da escola, que nascem as primeiras palavras, os primeiros sonhos e as sementes de uma cidadania consciente.

Porque educar, afinal, é isso: ensinar a ler o mundo para que cada criança possa reescrevê-lo com as cores do próprio coração.



Novembro Azul: o silêncio que também precisa de cuidado

O mês de novembro chega tingido de azul, cor que veste cidades, praças e monumentos em um convite à reflexão e ao cuidado. Mais do que uma campanha, o Novembro Azul é um movimento mundial dedicado à conscientização sobre a saúde do homem, com foco especial na prevenção e no diagnóstico precoce do câncer de próstata.

Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA), o Brasil deve registrar cerca de 71,7 mil novos casos de câncer de próstata por ano entre 2023 e 2025, o que representa um risco de 67,86 casos para cada 100 mil homens. É o câncer mais incidente na população masculina (excluídos os tumores de pele não melanoma) e o segundo que mais mata. Só em 2021, mais de 16 mil brasileiros perderam a vida em decorrência da doença, uma média de 44 mortes por dia.

No cenário mundial, os números também impressionam: de acordo com o World Cancer Research Fund, foram registrados 1,47 milhão de novos casos de câncer de próstata em 2022. Atrás das estatísticas, há rostos, histórias e famílias que aprenderam, às vezes tarde demais, que o cuidado também é um gesto de coragem.

Tabus que custam vidas

O câncer de próstata é, muitas vezes, envolto em silêncio. Ainda há quem evite o tema, por medo, preconceito ou desinformação. Mas o diagnóstico precoce é o que mais aumenta as chances de cura.

Homens acima dos 50 anos devem fazer exames preventivos regularmente. Já os que têm histórico familiar da doença, pai, irmão



ou filho diagnosticado antes dos 60, precisam iniciar esse acompanhamento mais cedo. O mesmo vale para homens negros, que apresentam maior risco e tumores mais agressivos.

Falar sobre saúde, nesse caso, é quebrar o tabu do silêncio. É reconhecer que a prevenção não fere a masculinidade, a fortalece.

Cuidar também é ato de amor

O Novembro Azul nos lembra de que cuidar é resistir. É permitir-se viver mais e melhor, com dignidade e afeto. A prevenção não é apenas um exame, é um gesto de responsabilidade consigo mesmo e com quem se ama.

A cada ano, cresce o número de campanhas, eventos e mobilizações voltadas para a saúde masculina. Mas ainda é preciso ampliar o acesso à informação, ao atendimento e, sobretudo, à escuta. Porque cuidar do corpo também é cuidar da alma, e isso vale para todos.

Neste novembro, o convite é simples e urgente: faça seus exames, converse com seu médico, quebre o silêncio. A saúde não é um destino, é um caminho que se escolhe trilhar, passo a passo, com consciência e coragem.

Fontes: Instituto Nacional de Câncer (INCA) Estimativas 2023-2025
World Cancer Research Fund –
Global Cancer Statistics 2022 Ministério da Saúde –
Campanha Novembro Azul 2024

Prefeitura inaugura a Praça Emílio Fernandes de Oliveira: um novo espaço para o bairro Paracatuzinho

Cerimônia marca a entrega de espaço revitalizado, símbolo de convivência, memória e futuro para a comunidade

O bairro Paracatuzinho viveu um momento de celebração e gratidão no dia 22 de outubro. A Prefeitura de Paracatu realizou a cerimônia de inauguração da Praça Emílio Fernandes de Oliveira, um ambiente totalmente revitalizado, pensado para acolher encontros, sorrisos e histórias que ainda serão contadas.

O evento contou com a presença do prefeito Igor Santos, do vice-prefeito Pedro Adjuto, do presidente da Câmara Municipal, Manoel Alves, do autor do requerimento, o vereador Alex Eletrolex, do secretário municipal de Governo, Altanir Júnior, do secretário de Meio Ambiente, Eduardo Trevisan, além do presidente da Associação dos Moradores do Bairro Paracatuzinho, Renir Santana, e de representantes da família do homenageado, que dá nome à praça.

Mais que uma obra de infraestrutura, a nova praça é um presente à comunidade, um lugar de lazer, saúde e convivência, que renova o tecido urbano e emocional do bairro. O local agora conta com playground moderno e seguro, instalado sobre piso emborrachado, garantindo conforto às crianças e tranquilidade aos pais. Bancos de concreto, academia ao ar livre, paisagismo com gramados e reservatório para irrigação, além de iluminação completa, tornam o ambiente acolhedor, funcional e bonito em qualquer hora do dia.

O projeto também inclui calçadas com piso intertravado e podotátil, lixeiras, meio-fio delimitando os canteiros e uma pintura geral que harmoniza o conjunto, uma praça que é, ao mesmo tempo, descanso e movimento, encontro e permanência.

Um nome que carrega história

A homenagem a Emílio Fernandes de Oliveira, carinhosamente conhecido como “Emílio do Coqueiro”, traz à lembrança uma vida marcada pelo trabalho e pela fé. Nascido em Paracatu, viveu sua



primeira morada na Rua Sinfrônio Rosa, no bairro Santana.

Em 1948, partiu em busca de novas oportunidades no garimpo de Estrela do Sul (MG). O destino o trouxe de volta a Paracatu em 1956, agora como fazendeiro. Adquiriu a Fazenda Coqueiro, na região de Santa Izabel, e depois seguiu empreendendo, abrindo um armazém na Avenida Israel Pinheiro, batizado de “Casa de Deus e do Povo”, nome que traduzia seu espírito generoso e comunitário.

Casado duas vezes, pai de muitos filhos, Emílio construiu não apenas negócios, mas laços, com o trabalho, com a terra e com as pessoas. Na década de 1980, fixou-se no bairro Paracatuzinho, onde viveu seus últimos anos e onde, agora, seu nome volta a florescer na memória coletiva da cidade.

Um espaço de vida e lembrança

Hoje, o Paracatuzinho ganha mais que uma praça. Ganha um símbolo de cuidado e inclusão, um convite à convivência e à esperança. Entre o verde do gramado e o brilho dos postes recém-instalados, a comunidade vê nascer um novo tempo, onde cada criança brincando, cada conversa no banco da praça, cada passo dado nas calçadas é também uma forma de continuar a história de Emílio Fernandes de Oliveira, o homem simples que acreditava no valor de servir ao povo.

A nova praça é, enfim, memória que se transforma em futuro, um lugar onde Paracatu reafirma seu compromisso com a vida em comum e com a beleza das pequenas grandes coisas que unem uma cidade.

Já pensou no seu sentido da vida?

Robson Stigar

Viktor Frankl tornou-se famoso por seu bestseller internacional “Em busca de sentido”. Neste livro, o psiquiatra relata suas experiências nos campos de concentração nazistas e explica seu método terapêutico, a logoterapia, que o ajudou a sobreviver.

Para Victor Frankl, se existe algum sentido na vida, então deve haver um sentido no sofrimento. Argumenta que, apesar das circunstâncias extremamente difíceis que ele enfrentou, ele foi capaz de encontrar um sentido para a sua vida, ou seja, o sofrimento faz parte da vida e é a partir do sentido que damos ao sofrimento, também damos a vida.

Se o sofrimento for entendido apenas como dor, não sendo ressignificado, a vida será de fato sofrida, mas se o sofrimento for ressignificado como luta ou superação, teremos um outro sentido ao sofrimento, o sentido de luta, missão, superação.

A busca pelo sentido da vida é uma necessidade profundamente humana, tão essencial quanto respirar, amar ou pertencer. Felicidade e prazer não são motivos para a existência, eles são efeitos colaterais. É preciso dedicar-se a algo maior que si mesmo, a uma causa ou ao amor a outra pessoa. E mesmo diante do sofrimento é possível encontrar sentido.



Quando perdemos a conexão com aquilo que dá significado ao que fazemos, ao que somos, ao que amamos, nos sentimos à deriva. Se o prazer fosse o sentido da vida, a vida propriamente não teria sentido algum. A neurose da nossa época é gerada pelo vazio existencial. O sentido da vida é único para cada pessoa.

Viver nos desafia a descobrir o significado por si, imergindo na própria experiência e confrontando as próprias verdades. É um propósito, uma missão que, ao ser bem vivida, gera frutos de felicidade acima das nossas adversidades. Essa é a essência da resiliência humana, a capacidade de transcender o sofrimento ao encontrar um propósito que justifica a luta.

A urgência de cuidar do Cemitério Santa Cruz: onde a memória pede socorro



Paracatu guarda, em silêncio profundo, um dos mais preciosos capítulos de sua própria história: o Cemitério de Santa Cruz. Fundado pela Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte em 21 de janeiro de 1802, ele nasceu como o primeiro cemitério independente da cidade, tornando-se um museu a céu aberto, um livro feito de pedra, onde cada lápide é página, cada inscrição é voz e cada jazigo é patrimônio.

Hoje, esse patrimônio raro pede socorro, não apenas nos muros, mas nos gestos humanos de lembrança.

Embora as famílias sejam responsáveis pela manutenção de túmulos, lápides e ornamentos, conforme previsto em normas municipais, há uma urgência que ultrapassa regulamentos: a urgência da consciência histórica. O poder público cuida das áreas comuns, muros, acessos, segurança, mas aquilo que se ergue sobre a terra é memória, e a memória, quando silenciada, torna-se ruína.

As lápides, em sua maioria datadas do século XIX, foram confeccionadas em mármore de Carrara, importado e valioso, verdadeiro tesouro barroco oculto entre ciprestes. Existiu ali também uma pequena igreja, demolida, mas ainda ecoada pelo sino, testemunha do período imperial. Diante do portão, ergue-se o Cruzeiro do século XIX, monumento sacro e marco histórico do cemitério, que hoje encontra-se severamente danificado pela ação de cupins, corroendo sua madeira e colocando em risco tanto a integridade física da peça quanto seu valor simbólico-religioso. Não se trata apenas de uma peça antiga; é um símbolo identitário que precisa urgentemente de restauração, reforço estrutural e plano de conservação permanente.

Entre os túmulos, repousam personalidades que moldaram a vida cultural e social paracatuense, como Antônio Machado de Freitas, arquiteto português naturalizado brasileiro e responsável pela construção do Teatro Philodramático. A arte sacra presente no local também revela algo singular: a forte presença da figura feminina nos ornamentos funerários, mulheres como símbolo de ternura, fé, maternidade e espiritualidade, fato pouco comum em cemitérios barrocos brasileiros.

Mas, além da deterioração das lápides e do Cruzeiro, a praça externa ao cemitério também denuncia sinais de abandono, como a morte de uma árvore que, antes, oferecia sombra e acolhimento aos que ali buscavam silêncio, fé e contemplação. A retirada responsável desse exemplar, já seco, e o plantio de uma nova árvore, preferencialmente nativa e adequada ao espaço urbano, é ato de respeito, continuidade e cuidado com o entorno histórico e ambiental, garantindo que a paisagem simbólica do lugar permaneça viva, harmônica e segura.

Mas nenhuma história resiste só.

Quando uma lápide se quebra, quando um nome se apaga, quando um símbolo se desfaz, corre-se o risco de perder mais do que objetos: corre-se o risco de perder identidade. E todo povo que abandona sua memória funda sua própria ausência.

A urgência de preservar o Santa Cruz exige ação coletiva e responsável:

Notificar danos e registrar ocorrências junto à administração do cemitério;

Investigar causas e responsabilizar quando houver vandalismo;

Mobilizar a sociedade civil, entidades culturais e turísticas;

Educar sobre patrimônios históricos, especialmente entre jovens e estudantes;

Defender políticas permanentes de preservação, plano de conservação e possível tombamento;

Desenvolver projeto de restauração do Cruzeiro e substituição da árvore morta por espécie nativa adequada.

Cuidar do Cemitério Santa Cruz é, na verdade, preservar o chão onde pisamos; é reconhecer que nossa história não nasce apenas nos palcos, nos livros ou nos museus, mas também onde se deposita o silêncio.

Porque ali, no espaço sagrado entre a terra e a saudade, aprendemos que quem guarda memória jamais morre.

Referência: ACONTUP – Associação de Condutores de Turismo de Paracatu. Cemitério de Santa Cruz – Uma lápide de histórias. Disponível em: <https://acontup.wordpress.com/2011/08/07/cemiterio-de-santa-cruz/>.

Chamado para leitura da crônica enviada ao jornal

Para ampliar esta reflexão e sentir de perto o impacto da degradação vivida no local, convidamos nossos leitores a também mergulharem no relato sensível da escritora Izabela Brochado, que compartilhou uma experiência pessoal e tocante vivida no próprio Cemitério de Paracatu. Sua crônica, enviada com exclusividade ao nosso jornal, reforça o olhar humano, crítico e emocional que este patrimônio exige de todos nós.

Leia a seguir:

“O Cemitério de Paracatu”, por Izabela Brochado

O Cemitério de Paracatu,

No Dia de Finados, fui com minha mãe ao cemitério de Paracatu visitar os jazigos da nossa família, quatro ao total. Havia alguns anos que eu não tinha estado ali e o que vi me impressionou, infelizmente, negativamente.

Vi uma quantidade de túmulos quebrados, muito dos quais certamente deveriam ser considerados como patrimônio devido às suas qualidades estéticas e histórias. Andando com dificuldade, desviando de túmulos novos construídos no meio das passagens para os antigos jazigos, observei muitos escombros e tijolos jogados ao solo e uma poeira triste e pegajosa sobre tudo: lápides; imagens de anjos e santos; os vasos e flores de plástico. Ao desviar de algum obstáculo, quase pisei sobre um túmulo antigo colocado direto na terra, que pelo tamanho, era de criança, em um túmulo sem nenhum sinal que indicasse seu espaço, perdido no meio do caos. Igual a ele, vi muitos.

Olhei tudo aquilo e o que percebi foi uma desordem que não condiz com o preceito de que devemos cuidar da casa dos mortos como cuidados das dos vivos. Saí dali pensativa e triste ao ver um cemitério que, quando criança e adolescente, me lembro de ser um lugar bonito, hoje transformado em um espaço tão descuidado!

Um cemitério como o de Paracatu é um patrimônio histórico e como tal, deveria ser cuidado como têm sido cuidados outros patrimônios da nossa cidade. Não sei de quem é a responsabilidade, certamente de muitos, incluindo dos poderes públicos, mas sei que seu estado atual reflete o desleixo de como estamos tratando a memória de nossos mortos.

O CASO ARACELI



O Caso Araceli

Uma menina de oito anos, sonhos arrancados com crueldade, famílias poderosas e um crime que a justiça nunca puniu.

O poder sempre teve uma forma curiosa de se esconder. Às vezes se disfarça de respeito, outras de influência, e quase sempre de gente de bem. Mas quando o poder se mistura com a impunidade, o que sobra é uma lama moral da qual ninguém sai limpo. Em 1973, essa lama escorreu por Vitória e manchou para sempre a história do país. O nome era pequeno, doce, de uma criança que ainda nem sabia o que era o mundo: Araceli Cabrera Sánchez Crespo, uma menina de apenas oito anos, portadora de todos os sonhos possíveis, dessas que têm no olhar o reflexo do futuro. Só que o futuro dela foi arrancado com requinte de crueldade por jovens ricos e sem escrúpulos, protegidos por um sistema que, naquele tempo (e talvez ainda hoje) sabia muito bem a quem devia justiça.

Na manhã de 18 de maio de 1973, Araceli saiu da escola, o Colégio São Pedro, na Praia do Suá. Vestia o uniforme, carregava os cadernos e caminhava em direção à parada de ônibus que a levaria de volta à casa, no bairro de Fátima, município da Serra. Foi vista pela última vez em um bar, brincando com um gato, na esquina das avenidas Ferreira Coelho e César Hilal. Pouco depois, testemunhas contaram que um carro branco parou ali. Araceli se aproximou, talvez confiante, talvez curiosa e nunca mais voltou.

Seis dias depois, um corpo foi encontrado em um terreno baldio, atrás do antigo hospital infantil de Vitória. Estava em estado avançado de decomposição. O rosto, desfigurado com ácido. A perícia apontou que a menina havia sido dopada com barbitúricos, asfixiada e depois mutilada, numa tentativa evidente de apagar sua identidade. A brutalidade do crime não deixava dúvidas: quem fez aquilo sabia o que estava fazendo. Havia método na crueldade.

As investigações começaram sob o peso do absurdo e a sombra da censura. Afinal, o Brasil vivia os anos de chumbo da ditadura militar, tempo em que até o horror precisava pedir licença para ser noticiado. Ainda assim, surgiram nomes, suspeitas, versões. Logo se apontou para um grupo de jovens de famílias influentes de Vitória: Dante de Barros Michelini e Paulo Constanteen Helal, filhos de empresários e latifundiários respeitados na sociedade capixaba. Testemunhas afirmaram que Araceli teria sido mantida em cativeiro por dois dias, drogada e violentada em um apartamento ligado aos Michelini, antes de ser assassinada.

O inquérito, porém, começou a se desfazer na mesma velocidade com que os boatos cresciam. Delegados foram trocados, provas desapareceram, testemunhas mudaram de versão e algumas morreram em circunstâncias duvidosas. A imprensa local enfrentava a censura do regime e a pressão de famílias que tinham amigos em todos os lugares certos. Os

suspeitos tinham sobrenomes pesados demais para caberem nos autos de um processo. O poder falava mais alto que a verdade.

O corpo de Araceli ficou três anos no Instituto Médico-Legal de Vitória até ser oficialmente liberado. Três anos de descalço, de silêncio e de promessas vazias. Quando, finalmente, o caso chegou ao tribunal, em 1980, Dante e Paulo foram condenados. Parecia o início da justiça. Mas não foi. Anos depois, os advogados recorreram, alegando falta de provas concretas e em 1991, quase duas décadas após o crime, os acusados foram absolvidos. Livres. Limpando as mãos num lenço de prestígio, enquanto o nome de Araceli seguia enterado sob o peso da impunidade.

O processo todo cheirava a privilégio. As famílias envolvidas, conhecidas pelos negócios e influência política, exerceram poder suficiente para transformar a justiça em cortina de fumaça. A Comissão Interamericana de Direitos Humanos, ligada à OEA, chegou a receber denúncias de tráfico de influência, omissão do Estado e sabotagem da investigação. Mas o tempo passou, e com ele, o interesse das autoridades. O Brasil engavetou mais uma vergonha nacional.

O Caso Araceli é daqueles que ferem a consciência coletiva. Não só pela monstruosidade do crime, mas pela maneira como o poder comprou silêncio, distorceu provas e esvaziou sentenças. É um espelho sujo da desigualdade que sempre dividiu este país: de um lado, uma menina de oito anos, pobre, indefesa, cheia de sonhos. Do outro, os filhos da elite, com advogados caros, sobrenomes importantes e a certeza de que jamais seriam punidos.

O impacto da história de Araceli não se limita ao passado. Em sua memória e para prevenir que outros crimes assim aconteçam, foi criado o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, celebrado em 18 de maio, data do seu desaparecimento. Uma lembrança anual que tenta transformar dor em conscientização e vigilância social.

E não foram punidos.

Não deixe que esta história morra. Mesmo sabendo o quanto o mundo pode ser cruel, lembrar de Araceli é uma forma de manter viva a memória das crianças que não tiveram voz e de lutar para que crimes assim nunca mais se repitam.

Este texto relata fatos históricos do Caso Araceli, ocorrido em 1973, em Vitória, Espírito Santo. Todos os eventos apresentados são baseados em registros públicos, julgamentos e reportagens da época. Trata-se de narrativa jornalística e reflexão, sem acusações atuais a pessoas vivas.

<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2023/05/18/relembra-caso-araceli-crianca-raptada-drogada-estuprada-morta-es.ghml>

DORA VON NESSEN:
O AMOR COMO RESISTÊNCIA

A HISTÓRIA DE UMA MULHER QUE DESAFIOU
A TIRANIA E NOS LEMBRA QUE A VIOLÊNCIA
AINDA PERSISTE SOB NOVAS FORMAS



Em 19 de setembro de 1940, na cidade alemã de Oschatz, Dora von Nessen foi exposta no pelourinho, um símbolo público de humilhação, diante de uma multidão ensinada a odiar. Por ter se apaixonado por um prisioneiro de guerra polonês, foi rotulada como “mulher desonrada” e obrigada a enfrentar quatro horas de insultos e desprezo coletivo.

O regime nazista fazia da dor um espetáculo. Transformava vidas em exemplos de punição, alimentando a máquina do medo e reforçando sua ideologia de “pureza racial”.

Dora, nascida em 1900, já conhecia a crueldade antes mesmo da guerra. Por sua dislexia e timidez, foi considerada “mentalmente incapaz” e esterilizada à força em 1936, vítima das leis eugênicas que transformavam diferenças em sentenças. Anos depois, escolheria o amor, um gesto simples, mas proibido. E, ao escolher amar, desafiou todo um sistema de ódio.



O preço foi alto: o divórcio, a humilhação pública e o silêncio imposto pela vergonha social. Ainda assim, Dora sobreviveu. Trabalhou em fábricas, viveu modestamente e guardou, em silêncio, uma dignidade que o tempo não conseguiu apagar. Viveu até os 103 anos, falecendo em 2003, uma testemunha discreta de que o amor pode ser, também, um ato de resistência.

Sua história ecoa no presente. Porque, embora o pelourinho tenha desaparecido, as formas de violência e julgamento continuam a existir, agora nas redes sociais, nas ruas, nos corpos e nas palavras. Ainda hoje, mulheres são punidas por escolher, por sentir, por existir fora das normas.

Lembrar de Dora von Nessen é, portanto, um gesto de memória e de alerta. Ela nos lembra que resistir não é sempre gritar; às vezes, é permanecer humana quando tudo ao redor insiste em desumanizar. E, diante da brutalidade que ainda se repete, sua história segue como um espelho, a nos perguntar que tipo de sociedade estamos, de fato, construindo.

Fotos: Reprodução/Google

MAURICIO DE SOUSA, 90 ANOS:
O DESENHISTA DE NOSSAS INFÂNCIAS

No traço simples de um lápis nasceu um universo inteiro. No dia 27 de outubro de 1935, em Santa Isabel (SP), veio ao mundo aquele que, décadas depois, ensi-

naria gerações a sonhar em balões e de fala e a sorrir com as cores da amizade: Mauricio de Sousa, o eterno pai da Mônica, da Magali, do Cebolinha, do Cascão e de toda a Turma do Limoeiro.

Em 1965, ele já aparecia em fotos com suas meninas, Mônica e Magali, que, sem saber, dariam rosto e alma às personagens que atravessariam o tempo e o coração de milhões de leitores. Hoje, aos 90 anos de vida, Mauricio segue desenhando esperanças, lembranças e risos, como quem acredita que o mundo pode ser mais leve se olhado com olhos de criança.

Celebrar seus noventa anos é celebrar também o poder da imaginação brasileira, essa que mora nos gibis gastos, nas bancas de jornal, nas lancheiras e nos sonhos de infância.

Vida longa ao mestre das historinhas boas! Que nunca lhe falem saúde, amor e paz, e que o lápis da vida continue riscando alegria nas páginas do nosso cotidiano.

O HOMEM DE PALHA:
QUANDO A SOLIDÃO MOLDA
O ÚLTIMO GESTO DE HUMANIDADE

Em 1910, dentro das frias e cinzentas paredes de um asilo psiquiátrico na Alemanha, uma mulher chamada Katharina Detzel realizou um gesto silencioso e comovente. Privada de liberdade, isolada do convívio humano e tratada como um corpo sem voz, ela voltou-se para o pouco que lhe restava, o feno do próprio colchão. Com ele, moldou um homem de palha em tamanho real.

Não o fez por amor, mas por necessidade. Um impulso visceral de lembrar que ainda existia, de sentir, ainda que simbolicamente, a presença de outro ser ao seu lado. Para os funcionários do asilo, aquele boneco era apenas mais uma evidência de delírio. Para Katharina, era um ato de sobrevivência emocional, uma tentativa desesperada de preservar o que a instituição tentava apagar: sua humanidade.

Décadas mais tarde, a fotografia de Katharina ao lado de sua criação voltaria à tona, inquietando o olhar contemporâneo. Sua imagem nos confronta com perguntas ainda urgentes: o que acontece quando o ser humano é privado de afeto, de escuta, de contato? O que resta de nós quando o mundo decide que não pertencemos mais a ele?

O homem de palha tornou-se, assim, um símbolo de resistência silenciosa, uma lembrança de que, mesmo nas margens da dor e do esquecimento, o desejo de ser visto, tocado e reconhecido sobrevive.

Porque há, em cada um de nós, uma Katharina tentando existir, e um pedaço de palha esperando ser moldado em companhia.

Cidade em Miniatura: um grande sonho em pequenas proporções

Associação Amigos da Cultura propõe instalação de conjunto arquitetônico artesanal junto ao Museu Histórico de Paracatu



Na tarde de 21 de outubro, a presidente da Associação Amigos da Cultura de Paracatu (AACP), Maria do Socorro (Help), acompanhada das integrantes Rute, Elizabeth e Dalhinha, reuniu-se com o prefeito Igor Santos e o secretário de Cultura, Thiago Venâncio, em busca de apoio da Prefeitura para a cessão de um terreno anexo ao Museu Histórico de Paracatu.

O espaço proposto, com 35 metros de largura por 15 de comprimento, poderá abrigar um projeto que é, ao mesmo tempo, artístico, educativo e afetivo: a Cidade em Miniatura. Trata-se de um conjunto de edificações históricas em estilo colonial jesuítico e barroco português, reproduzidas em escala reduzida.

As pequenas construções são fruto do talento artesanal do artista Fábio Ferrer, que, utilizando terra de formigueiro, areia, cimento e cola, dá forma a igrejas, casarões e ruas que evocam o passado e mantêm viva a memória de Minas e do Brasil.

A obra original foi concebida por Ferrer na cidade satélite do Gama (Distrito Federal), onde o artista trabalhou por cerca de dois anos e meio. Inspirado nas cidades históricas mineiras, como Ouro Preto e Mariana, o artista criou uma cidade fictícia

que funciona como mecanismo de aprendizagem, permitindo ao visitante conhecer o glossário arquitetônico e a história colonial brasileira. É uma obra temática, interativa e educativa, mais que arte, um convite à contemplação e ao conhecimento.

A instalação definitiva da Cidade em Miniatura e sua abertura à visitação pública representarão um valioso instrumento de educação patrimonial, difusão da história local e atração turística de grande potencial.

Durante o encontro, também foi discutida a restauração da Igrejinha do Pouso Alegre, uma antiga reivindicação da AACP. O prefeito Igor Santos informou que o projeto está em andamento e que os recursos, R\$ 1,7 milhão iniciais, somados a R\$ 300 mil destinados pela deputada estadual Marli Ribeiro e cerca de R\$ 800 mil de contrapartida da Prefeitura, permanecem assegurados para a execução da obra.

Entre sonhos e tijolinhos, Paracatu reafirma seu compromisso com a memória e o futuro. Projetos como a Cidade em Miniatura e a restauração da Igrejinha do Pouso Alegre traduzem o desejo coletivo de preservar o que conta nossa história e inspira novas gerações. Em cada gesto, há o esforço de quem acredita que a cultura é um alicerce que sustenta o tempo, e faz a cidade seguir viva, bonita e cheia de significado.



Alice, me empresta as maravilhas do teu país?

Um pedido de respiro e lucidez em tempos em que o real perdeu o sentido

Gosto quando o Facebook traz lembranças de um dia que já vivemos, uma frase, uma foto, um instante esquecido, e, de repente, tudo combina exatamente com o agora. No dia 13 de novembro, apareceu para mim a frase: “Alice, me empresta as maravilhas do teu país?”. E não poderia haver súplica mais atual.

Porque aqui, deste lado do espelho, as palavras perderam o brilho e a política, a poesia. Os relógios continuam correndo, atrasados de esperança, e os discursos se multiplicam como cartas embaralhadas: cada um tentando ser rei, dama ou valete, mas quase todos esquecendo o valor do jogo.

Vivemos dias em que a lógica parece obra de feitão. Fatos se dobram como espelhos tortos, promessas evaporam como vapor de chá e decisões surgem do nada como coelhos atrasados. Os castelos de ideais desabam em debates vazios, e até o Chapeleiro Maluco pediria uma pausa. O Coelho Branco corre, não mais porque está atrasado, mas porque não suporta assistir ao próprio país girar em círculos.

É por isso que o pedido ecoa: Alice, empresta tuas maravilhas.

Empresta-nos tua coragem diante do absurdo, tua curiosidade diante do caos, tua recusa em aceitar a loucura como normalidade. Empresta-nos o olhar que questiona, que atravessa portas pequenas, que não se acomoda com verdades prontas. Porque a política brasileira, este labirinto onde cada página parece escrita por um autor diferente, precisa urgentemente de quem ainda se atreve a perguntar.

Talvez nos falte, antes de governar, imagi-



nar com responsabilidade. Falta-nos o espanto, aquele que faz o olhar se demorar no essencial. Falta-nos a coragem de conversar com os próprios espelhos e admitir que o mundo que criamos já não cabe inteiro na razão.

Enquanto isso, a Rainha de Copas segue gritando ordens e cortando cabeças, não com lâminas, mas com decretos, omissões e vaidades. O Chapeleiro, cansado, já não ri. O Gato de Cheshire sorri por ironia, porque até os sorrisos, hoje, parecem negociáveis.

Alice, se ainda guardas uma xícara de lucidez e um punhado de sonho, empresta-nos. Talvez baste um gole para lembrarmos que o País das Maravilhas não é fuga, mas memória: a lembrança de que o sonho também é matéria política, e que sem ele nenhuma mudança floresce.

Porque o verdadeiro milagre não é desaparecer num buraco de coelho, é permanecer inteiro em meio ao absurdo.

E, quem sabe, se olharmos com a mesma curiosidade de Alice, ainda sejamos capazes de encontrar uma saída, não para fugir da realidade, mas para reinventá-la.

Cuidar é celebrar a vida: CEM de Paracatu comemora quatro anos de dedicação à saúde

Centro de Especialidades Médicas se firma como símbolo de acolhimento, eficiência e transformação no atendimento público da cidade



Na manhã luminosa de 8 de novembro, o Centro de Especialidades Médicas (CEM) de Paracatu celebrou mais que um aniversário, celebrou uma história de cuidado, compromisso e humanidade. Há quatro anos, aquele prédio que já abrigou o antigo Hospital Santa Lúcia renascia pelas mãos da gestão municipal como um espaço de esperança. Hoje, o CEM é referência regional e um retrato vivo do que acontece quando a saúde pública se faz com propósito e coração.

O evento comemorativo reuniu profissionais da saúde, autoridades e usuários do serviço. O prefeito Igor Santos, o vice-prefeito Pedro Adjuto, o presidente da Câmara Manoel Alves, o secretário municipal de Saúde Umarques Couto e a diretora do CEM Nádia Roquete se juntaram a servidores e pacientes para celebrar um marco que vai além dos números.

E eles impressionam: 161 mil atendimentos médicos, 27 mil sessões de fisioterapia, 54 mil exames de raio-x, 7,4 mil mamografias, 65 mil ultrassonografias, e milhares de histórias de vidas cuidadas com atenção e respeito.

Em sua fala, o secretário de Saúde, Umarques Couto, destacou a dimensão humana que sustenta cada resultado.

“Estamos comemorando o aniversário de um centro de saúde que acolhe a população e faz a diferença. São mais de 600 atendimentos diários, fruto do trabalho de uma equipe dedicada”, afirmou.

A servidora Ireni, carinhosamente chamada de “Fofa”, lembrou que o CEM não apenas otimizou o atendimento, mas também aproximou a população dos cui-

dados que merece.

“Reunir tantos serviços em um só local facilitou o acesso e trouxe dignidade a quem busca atendimento. Parabenizo a gestão e todos os profissionais envolvidos”, disse.

O ex-servidor Hernesto Silva resgatou a memória do serviço, desde o antigo posto central até a criação do atual CEM, reconhecendo o caminho percorrido até a estrutura moderna de hoje.

“Este espaço foi revitalizado e transformado em uma unidade de referência para toda a região e para o estado”, destacou.

Com emoção, a diretora Nádia Roquete agradeceu à equipe e à população pelo reconhecimento.

“O CEM foi eleito, em uma enquete, como o serviço que a população mais gostou entre as inaugurações recentes. Isso mostra o valor do nosso trabalho e o amor de quem serve com o coração”, afirmou.

Encerrando a cerimônia, o prefeito Igor Santos reafirmou o sentimento de orgulho e pertencimento.

“O CEM é a realização de um sonho. Transformamos um espaço abandonado em um centro moderno e eficiente, que hoje faz mais atendimentos que o próprio hospital. O CEM é um legado para o futuro da saúde em Paracatu.”

Após as falas, um momento de oração e o tradicional “Parabéns” encerraram a manhã em clima de gratidão. Entre abraços, bolo e sorrisos, o que se celebrou ali não foi apenas o tempo, mas o compromisso diário de cuidar da vida com humanidade e esperança.

Porque, em Paracatu, cuidar também é um ato de amor.



Entre acordes e lembranças, nasce o Nova Onda

O Jornal e Portal O Lábaro tem a alegria de apresentar a história da banda O Nova Onda, um projeto que nasceu do encontro entre emoção, memória e música

Há bandas que nascem de um ensaio, outras de um sonho antigo. O Nova Onda nasceu de um sentimento, o desejo de tocar o que emociona, o que desperta lembranças e faz o coração vibrar. Entre tardes de violão, conversas sobre música e a vontade de unir som e afeto, o projeto ganhou corpo, ritmo e alma.

Em conversa com o Lábaro, o vocalista e um dos fundadores Edvaldo contou como a banda surgiu e como o trio vem conquistando o público com seu som leve e cheio de sentimento:

“O Nova Onda nasceu em 2024 a partir do meu desejo de tocar as músicas que eu gostava e sabia tocar no violão, mas também de tocar aquilo que o público realmente se conecta. Desde o início, a ideia era clara: levar um som que emocionasse, que tocassem o coração das pessoas, sem se prender a clichês ou a padrões rígidos do rock tradicional. Sempre quis tocar o rock em sua essência, o rock como o povo entende, aquele que chega pelo rádio, pelas trilhas de novelas, pelas lembranças afetivas de cada um. Mais do que apenas tocar músicas, a proposta era criar uma experiência emocional, reconectando quem ouvia às suas próprias memórias e sentimentos.

A formação da banda se consolidou naturalmente. Inicialmente, éramos apenas eu, Edvaldo, na voz e violão, e o Gabriel na bateria, que já tinha tocado comigo no projeto Microphonia. Ele trouxe ritmo, precisão e energia para a base da banda. Pouco tempo depois, o Fernando, meu cunhado e guitarrista da banda Horda, da qual também participo como vocalista, entrou para somar com sua técnica apurada e virtuosismo na guitarra. Assim nasceu o trio que compõe o Nova Onda até hoje: eu na voz e violão, Fernando na guitarra e Gabriel na bateria. Cada um trouxe sua experiência, sua visão musical e sua sensibilidade, criando uma química única que se reflete no palco. O nome Nova Onda surgiu da vontade de transmitir leveza, algo como uma brisa suave que refresca a alma, uma atmosfera tranquila e agradável que buscamos reproduzir em cada apresentação.

O som da banda é resultado dessa formação incomum. Sem contrabaixo, com apenas violão, guitarra e bateria, desenvolvemos uma sonoridade limpa, direta e quente, diferente do que se costuma ouvir, aproximando-se de uma conversa íntima entre nós e o público. Tocamos soul, MPB, rock e outros estilos, sempre com o mesmo objetivo: criar uma conexão emocional. O repertório é focado em covers que marcaram época e que despertam lembranças e sentimentos. Temos material para mais de três horas de apresentação, e embora o foco principal seja cover, planejamos futuramente lançar trabalhos autorais, sem perder a essência da banda.

Cada show tem seu próprio significado. É difícil escolher apenas uma apresentação como a mais marcante, porque cada público e cada local oferecem experiências únicas. Há sempre rostos conhecidos, pessoas que retornam a outros shows, e isso é uma alegria imensa. É a forma de perceber que a música realmente toca, criando laços afetivos e memórias. Cada apresentação é uma oportunidade de compartilhar a paixão que sentimos pela música. Se não estivéssemos tocando juntos, estaríamos cada um em casa praticando seu instrumento, mas a união desses talen-



tos transformou a paixão individual em algo coletivo, capaz de emocionar outras pessoas.

Um momento recente que ficará marcado foi à apresentação no Saca Rolha, em 17 de outubro de 2025, quando tivemos nosso primeiro contato com a jornalista Uldiceia Riguetti do Jornal e Portal O Lábaro, que se encantou com o nosso som e nos convidou a contar a história da banda. O público estava receptivo, a energia no ambiente era contagiante, os petiscos estavam deliciosos, a cerveja na temperatura certa, e a atmosfera perfeita para celebrar o rock acústico nacional e internacional. Mas o Saca Rolha não é o único palco que merece destaque. Tocamos também no Kasarão, no Gaiato, na Confraria e em escolas, como a Escola Estadual Neusa Pimentel, onde tivemos a oportunidade de tocar para alunos do ensino médio. Cada lugar tem sua própria magia e contribuiu para a nossa trajetória, proporcionando experiências diferentes, mas igualmente especiais.

Sobre o público de Paracatu e a cena musical local, vejo um panorama muito rico. Com o avanço da internet, cada estilo encontrou seu espaço: pagode, sertanejo, rap, rock, cada um com seu público, convivendo de forma respeitosa. Há diversidade, talento e dedicação, e isso é fundamental para o crescimento da cena musical. Acredito que quando músicos de diferentes estilos colaboram, a cidade se torna um polo cultural mais forte e mais reconhecido, não apenas regionalmente, mas também nacionalmente. Fortalecer essa pluralidade é uma das metas que mais valorizo.

Nos ensaios, o processo é bastante individual. Cada um estuda as músicas por conta própria, e acertamos os detalhes na passagem de som, pouco antes do show. Essa abordagem mantém a espontaneidade e a autenticidade do som ao vivo, reforçando a energia e a conexão entre nós três.

O futuro da banda envolve mais shows, gravações e parcerias com outros artistas da região, sempre com o objetivo de fortalecer a cena cultural e musical de Paracatu. Queremos mostrar que a cidade pode ser referência em diversidade musical, unindo rock, rap, sertanejo, pagode e outros estilos em um ambiente colaborativo e produtivo. Explorar essa pluralidade de forma construtiva gera conexões, oportunidades e crescimento coletivo.

No fim das contas, o Nova Onda busca transmitir emoção, conexão e contemplação. Quando uma música desperta uma lembrança ou um sentimento, nosso trabalho está feito. O espírito da banda pode ser resumido em uma palavra: nostalgia. É isso que guia tudo o que fazemos: reconectar pessoas às memórias que a música deixa na vida de cada um, criar experiências afetivas que vão muito além dos acordes e refrãos e celebrar a beleza de sentir e compartilhar música juntos.”

REQUERIMENTO DE LICENÇA

O Empreendedor ECR AGRONEGÓCIOS LTDA, nos termos do art. 30 da Deliberação Normativa Copam nº 217, de 2017, torna público que solicitou à Unidade Regional de Regularização Ambiental Noroeste de Minas – URA NOR, Licenciamento Ambiental Convencional – LAC2, em caráter de operação corretiva, para o empreendimento Fazenda São Francisco - Parte 1, 2, 3 e 4, para as atividades de Culturas anuais, semiperenes e perenes e cultivos agrossilvipastoris, exceto horticultura; Criação de bovinos, bubalinos, equinos, muares, ovinos e caprinos, em regime extensivo; Criação de bovinos, bubalinos, equinos, muares, ovinos e caprinos, em regime de confinamento; Canais de irrigação; e, Beneficiamento primário de produtos agrícolas: limpeza, lavagem, secagem, despoldamento, descascamento, classificação e/ou tratamento de sementes, Códigos: G-01-03-1; G-02-07-0; G-02-08-9; G-05-04-3; e G-04-01-4, no município de Buritizeiro, Estado de Minas Gerais, Classe 4, conforme solicitação no Sistema de Licenciamento Ambiental nº 2024.12.04.003.0001234. O requerente informa que o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e o Relatório de Impacto Ambiental (Rima), encontram-se à disposição dos interessados na forma digital pelo link <https://drive.google.com/drive/folders/1BD724Hcl1ldn4KJ34wp-8ARbpIW8AowG?usp=sharing>. Maiores informações acerca do requerimento para realização de Audiência Pública podem ser obtidas no site <http://sistemas.meioambiente.mg.gov.br/licenciamento/site/consulta-audiencia>.

LICENCIAMENTO AMBIENTAL

O Empreendedor Frigonor Frigorífico Noroeste Ltda CNPJ 02.836.654/0001-85, nos termos do art. 30 da Deliberação Normativa Copam nº 217, de 2017, torna público que solicitou à Unidade Regional de Regularização Ambiental do Noroeste de Minas – URA NOR Licença de Operação Corretiva - LOC na modalidade LAC2 para o Frigonor Frigorífico Noroeste Ltda CNPJ 02.836.654/0001-85 para as atividades de Abate de Animais de Grande Porte, Abate de Animais de Médio Porte e Secagem, Salga de couros e Peles e Usina solar fotovoltaica no Município de João Pinheiro - MG, Classe 5, conforme solicitação no Sistema de Licenciamento Ambiental nº 0001479.

“Eu já sabia”

Publicado no livro Transtorno Poético (2021), do escritor João Victor Fernandes, o poema “Eu já sabia” traduz, em versos de indignação e ironia, um olhar agudo sobre o Brasil contemporâneo. Entre críticas à repetição histórica e um certo cansaço diante da política e da polarização, o texto se ergue como desabafo e espelho de uma nação que parece sempre à beira da mudança, e, ao mesmo tempo, presa aos próprios ciclos.

Com linguagem coloquial e ritmo próximo à oralidade, o autor, conhecido por sua poesia de crítica social, mistura humor, desalento e lucidez para revelar um país que se reconhece no absurdo cotidiano. Em “Eu já sabia”, cada estrofe é um retrato do desencanto e da persistência de quem ainda busca sentido em meio ao barulho.

EU JÁ SABIA

Brasil de capitânicas hereditárias,
Eleição atrás de eleição e coisa se mantém precária,
Fanatismo de torcidas, guerra civil de ideais,
Palavras como flechas, não voltam atrás,
Birra de criança no recreio,
Violência de adultos sem receio,
Voto de cabresto de quem está no sistema, curral eleitoral,
Intelectual fazendo às vezes de economista,
Artistas divididos como facções de heróis,
E quem é são, está passando mal.
Terra de Vera Cruz, do poder de pai pra filho,
O Peixão e o Peixinho dirigindo um trem sem trilhos,
Esse plano de carreira com cara do velho clero,
Já se sabe, serão mais quinhentos anos de lero lero.
Quem quiser que tome pra si alguma verdade,
Que vou tomar mais uma dose de vergonha por nossa humanidade,
Não sem antes jogar um gole pro santo que espera no canto a sua oração.
Rufam tambores, marcham nas redes sociais, em carros de som, na televisão,
De fardas vermelhas, de fardas azuis, uns nos flancos, outros nas trincheiras,
E o pacifista com as mãos na cabeça, perdendo as estribeiras.
Quem quiser que corra pras frentes de batalha, não adianta apelo,
Vou arrumar meus livros, fazer o almoço, vou ficar aqui de chinelo!
E aos críticos, desculpe a ignorância, desculpe a minha falha,
Mas o futuro da democracia não precisa de tarô,
Agora é esperar mudança vestido de pierrô,
Quem é de fé espera de mãos espalmadas o milagre de um novo dia,
E só o mendigo de juízo carcomido que tinha razão,
No sinal de trânsito esperando, com uma placa escrita com carvão: Eu já sabia!
Transtorno Poético.



IAG SAÚDE PREMIA HOSPITAL DE PARACATU ENTRE OS MELHORES DE MINAS.

– MENOR TAXA DE MORTALIDADE EM MINAS GERAIS

– MELHOR CUSTO-BENEFÍCIO DE MINAS GERAIS



PREFEITURA
PARACATU
O TRABALHO É A NOSSA FORÇA



SECRETARIA DE
SAÚDE

Sicoob Credicopa e Sicoob Credipatos
se unem e formam uma das maiores
cooperativas do Brasil!



NASCE A
GIGANTE DO
Crédito
COOPERATIVO

Acesse o
QR-CODE
e saiba mais!

